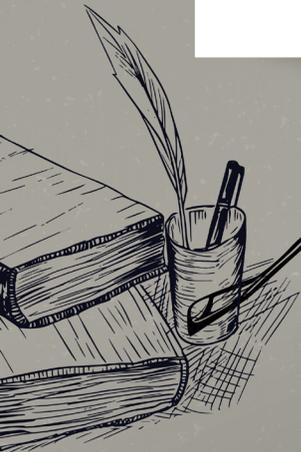




ADRIELL DE AMORIM ARAÚJO
YEEUN KIM

Avaliação da Eficácia da
Tradução Automática do Google
Tradutor: Uma Investigação
Linguístico-discursiva

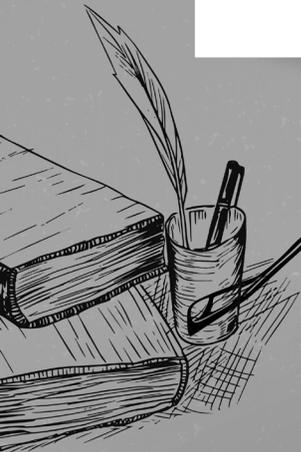


Atena
Editora
Ano 2024



ADRIELL DE AMORIM ARAÚJO
YEEUN KIM

Avaliação da Eficácia da
Tradução Automática do Google
Tradutor: Uma Investigação
Linguístico-discursiva



Atena
Editora
Ano 2024

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

Gabriellen B. O. Araújo

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 Os autores

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª MiraniIde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Avaliação da eficácia da tradução automática do google tradutor: uma investigação linguístico-discursiva

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Jeniffer dos Santos
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Autores: Adriell de Amorim Araújo
 Yeeun Kim

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A663 Araújo, Adriell de Amorim
 Avaliação da eficácia da tradução automática do google tradutor: uma investigação linguístico-discursiva / Adriell de Amorim Araújo, Yeeun Kim. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-258-2427-7
 DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.277241604>

1. Tradução automática. 2. Aplicativos de software. 3. Tradução. 4. Linguística. I. Araújo, Adriell de Amorim. II. Kim, Yeeun. III. Título.

CDD 005.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto científico publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Primeiramente, gostaríamos de agradecer a Deus por ter nos concedido sabedoria, paciência e acima de tudo, nos acompanhado durante todo o processo deste trabalho. Ao professor mestre Neumar de Lima, por ter nos orientado nesta empreitada com tanta paciência e disposição. A nossa segunda leitora, professora doutora Ellen Nogueira por ter aceitado ser nossa segunda leitora mesmo com vários compromissos. Às nossas famílias pelo apoio emocional e financeiro. Agradecemos também um ao outro pela paciência, compreensão, companheirismo e comprometimento durante todo o processo de pesquisa.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo avaliar a eficácia da Tradução Automática do Google tradutor (GT) em diferentes gêneros textuais. Por meio de uma investigação linguístico-discursiva da tradução fornecida pela ferramenta a fim de apresentar a importância da interação existente entre o tradutor humano e a tradução automática. Este trabalho contém, além da introdução e das considerações finais, quatro capítulos divididos em: (1) considerações históricas; (2) testemunhos de tradutores sobre o uso do Google Tradutor; (3) abordagem teórica (Seleskovitch, Berman, Heloisa Barbosa e Barnwell); e (4) análise de traduções de três gêneros textuais. Análise dos gêneros textuais: foram selecionados os documentos originais textuais escolhidos, que já haviam sido traduzidos manualmente para o português sem a interferência da (TA). Nessa sequência esses mesmos textos foram traduzidos pelo GT sem qualquer processo de pós-revisão; em seguida, com base em critérios qualitativos em nível linguístico, estrutural, semântico, pragmático, discursivo e na tradução humana, que serviu como parâmetro comparativo, foram realizadas as análises e uma pós-revisão. Partindo desse pressuposto, as análises feitas serviram para enriquecer os estudos sobre a tradução automática e a tecnologia da tradução, visando encontrar encaminhamentos para a ausência de conhecimento pelos estudantes e profissionais da tradução tanto sobre a eficiência da tradução automática quanto acerca a importância da pós-revisão.

PALAVRAS-CHAVE: Google tradutor; Matéria prima; Tradução automática; Eficácia; Tradução humana; Pós-revisão.

This research aims to evaluate the efficacy of the Google translator, which is a machine translation, in different textual genres through a linguistic-discursive investigation of the “raw material”, i.e, the translation provided by it, in order to show the importance of the interaction that must exist between the human translator and the machine translation and the importance of the post-editing process. This work contains, in addition to the introduction and the final considerations, four chapters divided into: historical considerations, testimonies of translators about the use of Google translator, theoretical approach (Seleskovitch, Berman, Heloisa Barbosa and Barnwell) and finally, analysis of translations from three textual genres, which was carried out in the following way: the original texts of the chosen textual genres were selected, which had already been translated “manually” into Portuguese without any interference of the machine translation (MT); those same texts were translated by the Google translator without any post-editing process (raw material); afterwards, based on qualitative criteria at the linguistic, structural, semantic, pragmatic, discursive level and on the 100% human translation, which served as a comparative parameter, the analyses were made and a post-editing was proposed. Based on this assumption, the analyses were able to collect data to enrich the studies on machine translation and translation technology, aiming to find solutions to the lack of knowledge by translation students and professionals about both the efficacy of machine translation and the importance of post-editing.

KEYWORDS: Google translator; Raw Material; Machine translation; Efficacy; Manual translation; Post-editing.

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Linhas de análise	2
1.2 Organização do trabalho	3
2. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS.....	4
2.1 História da Tradução automática	4
2.2 Tradução automática na atualidade	5
3. TESTEMUNHOS SOBRE O USO DO GT	8
3.1 Testemunho 1	8
3.2 Testemunho 2	9
3.3 Testemunho 3	13
3.4 Conclusão	15
4. ABORDAGEM TEÓRICA.....	16
4.1 A Teoria Interpretativa de Danica Seleskovitch.....	16
4.2 A Teoria Deformadora de Antoine Berman	19
4.3 Os procedimentos técnicos de tradução de Heloisa Barbosa.....	21
4.3.1 Procedimentos com convergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralinguística.....	21
4.3.2 Procedimentos com divergência do sistema linguístico.....	22
4.3.3 Procedimentos com divergência do estilo	23
4.3.4 Procedimentos com divergência da realidade extralinguística.....	24
4.4 Categorias de análise linguístico-discursiva	25
4.4.1 A categoria morfossintática.....	26
4.4.2 A categoria semântica	26
4.4.3 A categoria pragmático-discursiva	27
4.5 Critérios de avaliação da qualidade tradutória de Barnwell	28
5. ANÁLISES DAS TRADUÇÕES	30
5.1 Triangulação de dados	30

5.2 Análise do texto geral	30
5.2.1 Análise comparativa do excerto selecionado	31
5.3 Análise do texto técnico	38
5.3.1 Análise comparativa do excerto selecionado	38
5.4 Análise do texto literário	42
5.4.1 Análise comparativa do excerto selecionado	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	54
Anexo 1 - Texto Geral	54
Anexo 2 – Texto Técnico	66
Anexo 3 – Texto Literário	70

INTRODUÇÃO

Devido à grande demanda de tradução gerada pela globalização e com o avanço da tecnologia, recursos de TA estão se aprimorando cada vez mais em entregar uma boa matéria prima, ao mesmo tempo em que é possível detectar seus problemas e limitações.

Segundo a enciclopédia livre, wikipédia, a tradução automática é o processo automático de tradução de um idioma original para outro através do computador. A TA é uma subseção da linguística computacional, que investiga o uso de programas de computador para traduzir textos ou discursos de uma língua natural a outra. Conforme afirma Caseli (2017),

A Tradução Automática é uma das principais subáreas e aplicações do Processamento Automático de Línguas Naturais (PLN). Em um sistema de tradução automática, a informação em uma língua fonte, fornecida como entrada para o sistema, é transformada em uma versão equivalente na língua alvo. Apesar de mais de 70 anos de pesquisas em tradução automática, as principais estratégias propostas apresentam limitações (CASELI, 2017, p.1).

A tradução automática em seus primórdios recebeu duras críticas em relação a seus resultados por não serem capazes, naquele tempo, de reproduzir uma tradução com a mesma qualidade de uma tradução manual. Porém, com o passar do tempo e com os avanços tecnológicos, houve a substituição da tecnologia de base de dados, usada desde o início e de certa forma ineficiente, pela inteligência artificial, aumentando assim a produtividade e qualidade das traduções automáticas.

O presente trabalho irá discorrer uma breve contextualização da tradução automática com ênfase no Google Tradutor (GT) e opiniões de tradutores profissionais sobre o seu uso. Também serão abordadas as teorias de tradução de Danica Seleskovitch (1978, 1980, 1984) devido a seu viés mais cognitivo e sua ênfase no processo de percepção-desverbalização-reverbalização dos enunciados linguísticos, conceitos que acreditamos estar mais relacionados com a tradução humana, descrita neste trabalho como tradução manual (TM). Além disso, nós apoiaremos em Antoine Berman (2007), por sua ênfase na letra, ou seja, numa tradução mais fiel ao original e à estrutura léxico-gramatical, o que nos parece se alinhar com o que acontece na tradução automática (TA). Os estudos de Heloisa Barbosa (2004) devido a sua proposta dos procedimentos técnicos de tradução, os quais fazem parte da análise de traduções para identificar os possíveis procedimentos técnicos de tradução usados pelo GT que servem como elementos norteadores da pesquisa.

Em seguida, serão apresentados os critérios de análise linguística visando à análise da tradução automática de diferentes gêneros textuais feita pelo Google Tradutor. Por fim, serão apresentadas as análises das matérias primas fornecidas pelo GT e uma pós-revisão tida como parâmetro, para a devida triangulação de dados, a tradução humana dos textos investigados. Os gêneros textuais a ser analisados são: texto geral, técnico e literário. A escolha destes gêneros ocorreu pelo extenso uso no mercado da tradução.

Apesquisa, portanto, é de caráter bibliográfico e de natureza exploratória e qualitativa, pois o interesse é investigar a TA, com um foco específico na sua eficácia na atualidade por meio do Google tradutor (GT). Não se trata de um tópico novo, mas na exploração do tema buscamos adotar novos ângulos de análise e investigação no tratamento do assunto. Além da abordagem teórica e bibliográfica escolhida, foi utilizado, como instrumentos de coleta de dados, entrevistas e testemunhos de profissionais que fazem uso da ferramenta. Por meio dessa abordagem metodológica, espera-se que seja estabelecida uma base inicial para pesquisas futuras sobre o uso da inteligência artificial no processo tradutório.

A hipótese que norteia este trabalho é que a tradução manual está mais alinhada às teorias Seleskovitchianas (*Théorie du Sens*) (SELESKOVITCH, 1995; PAGURA, 2012), com sua *ênfase no aspecto cognitivo e interpretativo* e por esta ser fruto de um processamento cognitivo humano direto. Quanto à TA, a hipótese é a de que ela estaria mais em harmonia com as teorias bermanianas (BERMAN, 2007), com sua ênfase na literalidade, por se mostrar mais estruturalista e fiel aos aspectos léxico-gramaticais do original. Do ponto de vista linguístico, a hipótese para este trabalho é que a tradução automática seria mais eficiente ao lidar com os aspectos contextuais (análise morfológica e sintática) e que teria mais dificuldade nos aspectos extra contextuais (análise semântica e pragmático-discursiva).

Outra hipótese para este trabalho é a de que, através de uma análise comparativa de diferentes gêneros textuais, a TA estaria fornecendo uma “matéria prima” cada vez mais eficiente. Nossa proposta, então, é avaliar em qual gênero textual essa eficiência se mostraria mais evidente.

A análise tem como objetivo coletar dados para enriquecer os estudos sobre a tradução automática e tecnologia da tradução, visando encontrar soluções para a falta de conhecimento pelos estudantes tanto sobre a eficiência da tradução automática quanto sobre a importância da revisão.

1.1 LINHAS DE ANÁLISE

Serão apresentadas dois aspectos da análise, sendo a primeira a análise da qualidade da matéria prima fornecida pelo Google Tradutor com seu foco em investigar em que medida o GT está em condição de fornecer uma matéria prima passível de ser editada com o menor esforço possível, a ponto de realmente valer a pena o uso da ferramenta.

O segundo aspecto analisado terá seu foco na pós-edição ao processo cognitivo pelo qual o tradutor teve que passar ao fazer a revisão, quer aceitando de bom grado o produto fornecido pela TA, ou preferindo usar estratégias para melhorar, dada a possível precariedade ou insuficiência linguística, e principalmente estrutural, da matéria prima fornecida.

1.2 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira parte, apresentamos algumas considerações históricas da TA desde os seus primórdios até a atualidade. Na segunda, temos o testemunho de três profissionais da tradução sobre o uso que fazem da TA, em que refletem sobre as potencialidades e limitações dessa tradução. Em seguida, na terceira parte, discutimos a abordagem teórica de tradução adotada bem como as categorias linguístico-discursivas usadas na análise das traduções, o que é feito na quarta parte, seguida, por sua vez, pelas considerações finais.

Sobre o *corpus* utilizado para esta pesquisa, selecionamos três textos de três gêneros textuais diferentes: texto geral, texto técnico e texto literário. O texto geral intitula-se *The Three Faces of Love*, extraído da revista *Dialogue* e publicado em português pela revista *Diálogo* sob o título *As três Faces do Amor*. O texto técnico, relacionado com a área de linguística, foi retirado do livro *Reflections on Language* de Noam Chomsky e traduzido para o português sob o título *Reflexões sobre a Linguagem*. O texto literário é um trecho retirado do livro *To Kill a Mockingbird* de Harper Lee, mais especificamente o capítulo 10, traduzido para o português sob o título *O Sol é para Todos*. Houve o cuidado de selecionar textos de um período em que a TA ainda não era utilizada, o que nos garantiu uma tradução totalmente para servir de parâmetro no momento da análise da matéria prima do GT. Esses três textos, envolvendo o original em inglês, a TA feita pelo GT (a matéria prima) e a tradução humana, encontram-se na forma de anexos ao final do trabalho. No corpo do trabalho, usaremos excertos para a análise retirados desses textos. Os anexos, portanto, servirão de fonte de consulta caso se tenha o interesse de um contexto mais amplo.

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

Este capítulo apresentará uma breve introdução histórica contendo o surgimento, crescimento e funcionamento da tradução automática (TA) com ênfase no Google Tradutor (GT), cujos idealizadores, ao detectarem seus problemas e limitações, buscaram aprimorar a ferramenta introduzindo atualizações tecnológicas ao longo do tempo com o fim de aumentar a qualidade da ferramenta para a maior produtividade e naturalidade das traduções.

2.1 HISTÓRIA DA TRADUÇÃO AUTOMÁTICA

Segundo Mateus (1995), o cientista e matemático americano Warren Weaver (1894-1978), na década de 1940, sugeriu o uso de computadores no processo tradutório. Posteriormente, ele desenvolveu um sistema matemático e estatístico que traduzia “ao pé da letra”, sem levar em consideração as questões linguísticas, como sintaxe e estrutura. Em 1952, houve um evento sobre tecnologia em Massachusettes, em que foram abordados assuntos técnicos e linguísticos que moldariam, grosso modo, as técnicas da tradução automática (MATEUS, 1995).

Dois anos após o evento de Massachusettes, houve uma parceria entre a Universidade de Georgetown e a empresa de Tecnologia da Informação IBM para elaborar o primeiro *software* de tradução de texto que, de fato, funcionou. As primeiras línguas traduzidas tinham, como língua fonte, o inglês e, como língua alvo, o russo, e vice-versa, gerando um resultado escasso e incipiente. O mesmo evento foi considerado um grande progresso na área da linguística computacional. Na década de 1960, no contexto da globalização e da criação dos blocos de países, o desejo de efetuar traduções automáticas em outros idiomas, além dos dois idiomas citados anteriormente, cresceu em grande escala.

Desde o início, os pesquisadores aplicavam os métodos matemáticos em estudos linguísticos. Ribeiro comenta que

essa área [era tratada] como uma ciência exata. Por conseguinte, esses sistemas não correspondiam às expectativas teóricas, pois não podiam solucionar problemas relacionados a estruturas, formas, processos e ambiguidades (RIBEIRO, 2014, p. 14).

O projeto Georgetown Automatic Translation (GAT), realizado em 1954, em Georgetown, tinha como objetivo traduzir com agilidade documentos da língua fonte russa para a língua alvo inglesa. Foram empregadas 250 palavras e somente seis regras sintáticas, e sua tradução era feita palavra por palavra (HUTCHINS, 2000). Em 1968, Peter Toma, um dos integrantes que fizeram parte do projeto GAT, inventou o Systran, um dos sistemas mais eficientes de tradução automática. Diferente do GAT, o Systran baseia-se em não somente pequenos vocabulários, mas sim em ricos dicionários. Porém, apresentavam limitações de traduções nas áreas técnicas. Como Ribeiro (2014) afirma, na década de

80 e 90, a tradução automática gerava um resultado literal. Em outras palavras, ela ainda não tinha capacidade de considerar os contextos metalinguísticos, pois fazia apenas uma substituição de um vocabulário equivalente em outra língua.

Os sistemas de tradução mencionados anteriormente, apesar de serem considerados grandes avanços para a época, ainda assim apresentavam limitações em relação à ambiguidade, um grande desafio da tradução automática. Conforme afirma Ribeiro (2014):

Mesmo apresentando um resultado literal e linguisticamente pobre [...], esse sistema foi considerado suficiente para a situação, devido à rapidez e baixo custo em relação à tradução humana. Contudo, essas máquinas ainda enfrentavam uma grande limitação: interpretar corretamente as ambiguidades da língua e seus múltiplos significados. Portanto, era necessário que o produto final fosse devidamente revisado por alguém, o que ainda é uma realidade nos dias de hoje (RIBEIRO, 2014, p. 15).

Mesmo com essas dificuldades e limitações, os sistemas de traduções automáticas, com o passar do tempo, foram se aprimorando e, assim, otimizando o tempo dos tradutores e aumentando a produtividade das traduções.

Segundo Souza (2011), *A Linguística Formal* de Noam Chomsky divulgou estudos sobre a tradução automática, ajudando a compreender o funcionamento do cérebro humano e o processo das informações linguísticas. Dessa forma, foi possível constatar que a TA não era apenas um dispositivo de causa e efeito, mas que devia incluir uma cadeia de princípios e parâmetros com a capacidade de atuar no processo de recepção e transmissão sob um certo código linguístico. Por conseguinte, foram elaboradas ferramentas que permitiram adaptar a linguagem humana ao âmbito computacional, com o consequente desenvolvimento de alguns sistemas de TA mais eficazes.

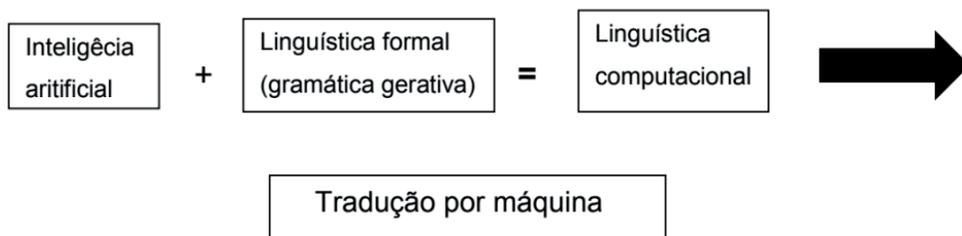
2.2 TRADUÇÃO AUTOMÁTICA NA ATUALIDADE

Um dos sistemas de tradução automática mais usado na atualidade é o Google Tradutor (GT), um serviço virtual gratuito que faz parte de uma subseção da linguística computacional que traduz textos, discursos e websites de uma língua natural a outra. Antigamente, o GT fazia traduções com palavras separadas gerando resultados confusos e divergentes. Porém, o sistema recebeu diversas atualizações reduzindo as inadequações, ambiguidades e entre outros.

De acordo com Pereira (2013), o Google Tradutor trabalha de maneira fácil e simples. Esse sistema de tradução automática elabora suas traduções procurando padrões em inúmeras quantidades de documentos que já existem e que tenham o vocabulário que o tradutor automático precisa. Dessa maneira, o GT apresenta uma grande variedade de informação, podendo, assim, julgar qual seria a melhor tradução. Esse banco de dados, onde o tradutor automático efetua a sua pesquisa, é composto de documentos traduzidos por tradutores humanos. Esse processo de busca de padrões em grande escala de texto é

classificado como “tradução automática estatística”, cuja base de dados atua de maneira diferente, não fundamentada em diversas regras gramaticais e palavras soltas. O que acontece é um processo de aprendizagem bem mais prática do que teórica, pois a TA do GT analisa os próprios textos traduzidos encontrados na rede. Pereira conclui dizendo que os computadores aprendem por si próprios as regras e os usos mais comuns.

Carvalho e Dias (1998) organizaram uma fórmula mostrando como funciona a “tradução por máquina”.



Sobre o primeiro quadro, as autoras explicam que, por meio da inteligência artificial, acontece o processo de simulação da inteligência humana por máquinas, atualmente conhecido como *Neural Network*, que inclui aprendizado, raciocínio, aplicação de conhecimento adquirido e autocorreção. Quanto ao segundo quadro, elas explicam que a linguística formal, com base na gramática gerativa, é composta de um número finito de regras e princípios linguísticos capazes de gerar um número infinito de frases em uma língua e de eliminar um número infinito de frases agramaticais. Elas finalizam explicando o terceiro quadro, o da linguística computacional, que resulta da inteligência artificial aliada à linguística formal, composta de técnicas computacionais associadas à análise e geração automática de textos em linguagem natural, tendo como resultado a “tradução por máquina” ou tradução automática (CARVALHO E DIAS, 1998).

Carvalho e Dias (1998) também apresentaram um esquema que mostra múltiplos tipos de ferramenta que ajudam o tradutor ou escritor, em uma ordem crescente de automação, ou seja, com menor intervenção humana, conforme mostra o esquema abaixo:

“Corretores ortográficos < Corretores gramaticais < Dicionários e glossários *on-line* < Bancos de dados terminológicos < Bancos de dados e estruturas e frases traduzidas < Bancos de dados temáticos < MAHT- Machine-Aided Human Translation (Tradução humana assistida por computador) < HMT- Human-Aided Machine Translation (Tradução por máquina com intervenção humana) < MT- Machine Translation (Tradução por máquina ou tradução automática). Como já foi dito, quanto maior a automação, maior a velocidade do processamento [...]” (CARVALHO E DIAS, 1998, p. 376).

Como citado anteriormente, o GT é um dos sistemas de TA mais usados atualmente. Ele ajuda os tradutores a economizar tempo e assim, com suas novas atualizações, apresenta maior produtividade no ato tradutório ajudando os profissionais da área.

A nova atualização do GT contém inteligência artificial (IA), que é a *Google Machine Neural Translation* (GMNT), ou seja, a Tradução Automática Neural do Google (tradução nossa), que permite que o sistema traduza frases inteiras de uma vez, já que ela considera a sentença completa como um único fragmento de tradução. Conseqüentemente, o resultado torna-se mais fluente e fiel ao discurso original levando em conta o seu contexto, fornecendo, assim, resultados mais naturais e idiomáticos, visto que, em redes neurais, o sistema se desenvolve e aperfeiçoa cada vez mais graças às interações dos usuários.

Além dessas atualizações, há outras mais recentes, como a ferramenta que traduz imagens com textos e a ferramenta de conversas instantâneas, que transcreve conversas em tempo real. Segundo o Google Discovery (2020), a mais nova Inteligência Artificial (IA) tem uma grande precisão em identificar as traduções específicas de gênero. O que antigamente fornecia uma tradução de apenas um gênero, sexo masculino, agora sugere duas traduções, de dois gêneros, masculino e feminino. Os pesquisadores habilitaram o sistema para formar pares de frases que incluem os dois gêneros. A Tradução Automática Neural (NMT), o sistema anterior, ao lidar com os textos, falhava em oferecer traduções específicas de gênero em mais de 40% dos casos. É deveras impressionante ver como o Google Tradutor evoluiu a tal ponto de modo a superar seus problemas e limitações garantindo, assim, não só a otimização do tempo dos tradutores, mas também o aumento da produtividade.

TESTEMUNHOS SOBRE O USO DO GT

Segundo Ribeiro (2014), a partir da década de 1980, surgiu a comercialização desses sistemas de TA, que se tornaram mais acessíveis, populares e aceitos pelos usuários. No entanto, surgiram dúvidas entre os tradutores profissionais sobre o seu uso. Nessa época, o conceito de que a máquina substituiria o tradutor caiu por terra, pois os pesquisadores da linguística computacional perceberam as limitações que as máquinas apresentavam na hora de elaborar uma tradução, uma atividade tão subjetiva e particular, e começaram a ter como meta aprimorar a relação entre o tradutor e a tecnologia.

Malevini e Nogueira (1999) afirmam que os pesquisadores e fabricantes, com essa nova meta, procuraram receber opiniões e feedbacks dos tradutores profissionais a fim de compreender melhor sobre os problemas e necessidades que eles enfrentavam. No entanto, os tradutores profissionais utilizavam a ferramenta de TA com pouca frequência. Segundo as autoras:

A relativa lentidão com que os tradutores têm adotado as novas tecnologias é resultado da complexidade para operar os sistemas existentes e da falta de habilidade dos fabricantes para ajustar tais sistemas à realidade do trabalho dos tradutores. Em 1986, um exame dos avanços em tecnologia da informação reportava que enquanto 53% dos tradutores usavam processadores de texto, apenas 46% estava satisfeito com o equipamento existente. O mesmo exame apontava (Information Market, 1998) que apenas um pequeno número de tradutores atualmente tem experiência com tradução automática, mas um número relativamente alto, de 26%, tinha uma atitude negativa com esse tipo de apoio à tradução (MALEVINI; NOGUEIRA, 1999).

No entanto, com o avanço tecnológico, os sistemas atuais de TA, em específico o Google Tradutor (GT), que será abordado neste trabalho, tem sido aprimorado bastante com suas atualizações ao longo dos anos devido à colaboração dos tradutores profissionais. Por conseguinte, este capítulo irá apresentar opiniões de tradutores profissionais experientes sobre o Google Tradutor. São eles: Heloisa Gonçalves Barbosa, Isa Mara Lando e Neumar de Lima, alguns já traduzindo desde a década de 70. O objetivo deste capítulo, por meio das entrevistas e opiniões deles, é apresentar concepções de cada um desses tradutores para uma melhor compreensão sobre a aceitação da ferramenta de TA, o Google tradutor, e ajudar aos tradutores iniciantes a ter uma visão geral do uso dessa ferramenta.

3.1 TESTEMUNHO 1

Heloisa Barbosa

Em uma entrevista feita 6 anos atrás com a tradutora Heloisa Gonçalves Barbosa por Priscila Jósimo Silva Ribeiro, graduada do curso de Tradutor e intérprete do Unasp-EC, a tradutora afirmou como realiza suas traduções com a ferramenta de TA, o Google Tradutor:

Hoje uso o tradutor do Google para fazer um "rascunhão" para mim, o que me poupa tempo em termos de digitação. E é "gratuito", afirma Heloisa. Após a efetuação do GT da tradução rascunho, a tradutora fala que coloca a versão original e a tradução lado a lado em uma tabela. É durante esse momento que ela pesquisa nos dicionários, na internet e outros recursos. A próxima etapa é revisar novamente, do início ao fim, ainda com os textos lado a lado. Logo após, o texto final recebe mais uma ou duas revisões. O objetivo desse passo é imergir na língua alvo para tirar as influências que não tinham sido notadas da língua original sobre o texto traduzido. Por fim, é o momento de cuidar os últimos detalhes como: pontuação, formatação, espaços excedentes entre palavras, aspas, etc. É assim que é feita a tradução por uma tradutora profissional que está nessa área há mais de 40 anos (Ribeiro, 2014, p. 43)

Nessa mesma entrevista, Heloisa afirma: "Considero que a qualidade das traduções do Google (Tradutor) vem melhorando [...]. Porém, não servem de maneira nenhuma como uma tradução pronta para entregar ao cliente" (RIBEIRO, 2014, p. 43-44).

Heloisa Barbosa finaliza a entrevista ressaltando sua preocupação com os tradutores iniciantes por depositarem confiança demais na Tradução Automática e, assim, acabam por dispensar revisões minuciosas deixando de perceber todas as falhas e imprecisões cometidas pela máquina. Segundo Barbosa, o uso do sistema de tradução automática não deve ser obrigatório para ninguém. Ela continua dizendo que o GT "ajuda, agiliza o serviço, apresenta boas ideias e poupa o trabalho de digitar o texto". No entanto, a tradutora ressalta que o sistema de TA não deve ser o único recurso no ato tradutório, visto que "existem muitos outros recursos fundamentais disponíveis para o tradutor, como dicionários, enciclopédias, glossários e outros textos sobre o mesmo assunto" (Ribeiro, 2014, p. 44).

3.2 TESTEMUNHO 2

Isa Mara Lando

Foi realizada pelos pesquisadores deste trabalho uma entrevista com Isa Mara Lando, professora de inglês, escritora e tradutora do inglês e do francês para o português. Diplomou-se em Língua e Literatura Inglesa pela Pontifícia Universidade de São Paulo. Além disso, graduou-se no curso de Formação de Professores da Cultura Inglesa de São Paulo, onde lecionou por dez anos. É também autora do livro *Vocabulando – Vocabulário Prático Inglês-Português*. O motivo pelo qual a entrevista foi realizada se deve à experiência de anos da tradutora na área de tradução e ao seu uso da ferramenta Google Tradutor desde o ano de 2010. Seguem as perguntas preparadas e respectivas respostas:

1. Quando você começou a usar o GT? O que a motivou? Há quanto tempo você usa o GT?

R.: Eu comecei a usar o Google translator em 2010. Faz 10 anos. Por indicação de uma colega, Carla, que foi quem revisou o "Vocabulando". E tenho usado desde então, há 10 anos, sempre com intenção de economizar a digitação e conseguir mais produtividade

com menos horas de trabalho e menos esforço físico; inclusive, antes de usar o Google Translator, eu sempre procurei economizar digitação. Antes eu gravava fitas e traduzi vários livros assim, eu gravava no tempo daquelas fitas cassetes, eu gravava fitas e mandava para uma secretária que digitava para mim, transcrevia o texto e sempre fui contra esse negócio de ficar datilografando. Até porque esse teclado que infelizmente se fixou, esse teclado que a gente usa “qwerty”, “asdfg” é péssimo para a digitação, as letras mais usadas ficando com dedos mais fracos, e por incrível que pareça, isso foi feito de propósito, que resolveu a fazer assim para que as pessoas não encavalarem as teclas daquele tempo das máquinas de escrever as varetas nas teclas. Então eu sempre fui contra esse negócio de digitar e sempre procurei as maneiras de trabalhar de uma forma mais racional, ou como se dizem em inglês “*work smarter not harder*”.

2. Você precisou romper algum preconceito/paradigma antes de fazer uso do GT?

R.: De maneira nenhuma. Como já disse, eu sempre gostei de racionalizar o trabalho, mesmo porque eu tive formação de programadora de computação, eu fui programadora durante vários anos; então, para mim, usar recursos tecnológicos e fazer programação é uma coisa muito natural e foi extremamente bem-vinda. É que antes de 2010, eu achava que não estava muito ligada porque achava que era uma coisa ainda muito no início, apesar de que esses programas de tradução, eles estão sendo aperfeiçoados desde os anos 1940, mas eu não tinha me despertado ainda para isso até a minha colega, Carla, me chamar a atenção e me indicar que foi uma feliz indicação.

3. Quais foram as suas primeiras impressões sobre o GT?

R.: Eu não lembro quais foram, faz muito tempo isso.

4. Qual é a sua experiência do uso do GT?

R.: É ótima porque, mesmo usando *software* de tradução, eu já estou com as mãos bem cansadas e machucadas porque é muita digitação, força muito as mãos e é um trabalho “besta, estúpido e burro” ficar digitando palavras que um software é perfeitamente capaz de escrever para mim ou de traduzir. Por exemplo: “*White House*” como “Casa branca” não tem nenhum problema, não precisa de um cérebro humano para isso, já tem um *software*, que na verdade é um “suco depurado” do cérebro de centenas de pessoas que já trabalharam para refinar esse *software* até chegar a esse ponto, incluindo linguistas, psicólogos, programadores, etc. Então, eu discordo dessa palavra “máquina” que você usou em algum momento, não é uma máquina, é um *software*, um programa feito por gente. Eu estou usando simplesmente o cérebro de outras pessoas para fazer isso.

5. Qual é a sua opinião/sugestão sobre o uso do GT para os tradutores iniciantes?

R.: A minha opinião para os tradutores iniciantes é que todos devem usar, apesar de que tem professores que são contra, mas eu não acho justo que um aluno não tenha o mesmo recurso que um tradutor já mais avançado ou um jornalista profissional. Por que obrigar alunos a fazer um trabalho de burro de carga? Por exemplo, traduzir “*White House*”

como “Casa branca” 10 vezes que podem aparecer no texto se é tão simples passar isso no programa e ele dar essa tradução óbvia, e todo o nosso esforço e toda a nossa inteligência têm que ficar no refinamento, não é?

O problema dos tradutores iniciantes, como a profa. Ana Schaffer me falou, é que os alunos iniciantes colocam no Google (GT) e acham que está pronto. Então, tem que ser feito esse trabalho de refinamento do texto, de procurar mais a naturalidade e mais elegância que são coisas que ele não faz e corrigir os erros que, às vezes, tem erros bem ridículos que até fico contente quando vejo esses erros, porque mostra que nós tradutores humanos ainda temos uma vantagem. Para dar um exemplo, estava traduzindo um texto outro dia sobre uma família muito rica, aristocrática que dava bailes de máscaras na mansão onde eles moravam. Então “dar um baile” em inglês se diz “*to throw a ball*” o verbo é “*throw*”, não é “*give*”; então dava um baile de máscara era “*they threw mask balls*” e foi traduzido como “eles jogavam bolas mascaradas.” Ao invés de “davam bailes de máscara”. Então, de vez em quando, tem uma “batatada”, mas é meio raro.

Qualquer profissional tem acesso às ferramentas e aos instrumentos mais práticos da área dele ou dela que lhes permitem trabalhar com mais rendimento e não ficar “camelando”, fazendo um trabalho que uma máquina pode fazer. Então eu não vejo o porquê de excluir os alunos desse benefício e obrigar eles a fazer tudo da estaca zero. Mesmo porque não adianta né, você vai proibir um aluno de usar um software, vai chegar em casa e vai usar mesmo. Mas, ao meu ver, a aula deveria se concentrar depois em refinar esse texto, essa tradução meio crua, não tão elegante e com erros que saiu, mas aí você pode usar uma hora de aula para refinar o texto e para ensinar naturalidade e elegância e não para ficar no “beabá,” que o “beabá,” o programa já fez. Essa é a minha opinião.

6. Na sua opinião, qual o custo-benefício do uso do GT? O seu trabalho passou a render mais depois de começar a usá-lo? Há momentos em que uma tradução puramente humana teria dado mais lucro?

R.: O custo-benefício é enorme. O meu trabalho passou a render o dobro, passei a ganhar o dobro com as mesmas horas de trabalho; dito de outra maneira, passei a ganhar a mesma coisa com a metade do tempo. O tempo que demorava fazendo datilografia que não é nem tradução, eu agora uso para fazer a revisão e aperfeiçoamento porque o Google Tradutor já me dá um rascunho pronto economizando toda aquela digitação. Então para dar um exemplo, eu traduzi um livro sobre o Barak Obama, e imagine se fosse escrever “Barak Obama, casa branca, a campanha” e tudo isso, umas 500 vezes, que são palavras comuns que não têm nada de especial, que nem precisam de uma pessoa para traduzir, e o software já me dá um rascunho e aí eu posso dedicar todo o meu tempo a refinar.

Respondendo à segunda pergunta, eu não acho isso. Às vezes não uso, por exemplo para o livro infantil, que traduzi muitos, já que não fica legal porque tem gírias, diálogos e coisas assim, não fica muito bom. Então eu prefiro ditar para uma pessoa, para uma aluna em casa, uma pessoa, para digitar enquanto faço ditado ou qualquer coisa para evitar a digitação da datilografia.

7. Você recomendaria o uso do GT em geral?

R.: Recomendo sem dúvida nenhuma. Só talvez um ou outro texto que não dá muito certo com isso, mas são muito poucos. Eu já traduzi nesses 10 anos, já traduzi algumas dezenas de livros e artigos de jornal e revista, boletins, Newsletters, trabalhos comerciais, por exemplo, powerpoints de relações humanas, de RH, instrução, manuais, tudo isso, eu traduzo com Google Translator e depois fico refinando e melhorando.

8. Quais gêneros textuais seriam os mais recomendados para se traduzir usando o GT, de acordo com suas experiências e por quê?

R.: Gêneros textuais, como falei agora, por exemplo, matérias comerciais, eu trabalhei muitos anos para o jornal *Valor Econômico* e todas essas matérias que falam sobre as bolsas de valores que “tal firma subiu na bolsa”, “as ações aumentaram x por cento”, “tal outra firma, as ações caíram,” “que o CEO dessa firma disse que está havendo uma grande possibilidade de progresso no ano que vem e que a firma vai abrir filiais” e tudo isso são coisas muito banais que o programa pode fazer perfeitamente e a gente só fica polindo, isso que seria o nosso trabalho, de polir, que é um trabalho também, esse é o trabalho do ser humano, de refinar e de conseguir uma tradução mais elegante, tirar todos os advérbios em “mente” que vem um atrás do outro em texto em inglês e outras coisas assim que o programa não tem esse refinamento todo, mas, por exemplo, para esses textos comerciais financeiros, é uma beleza, a gente tem que mexer muito pouco depois. Por que vou ficar “camelando” e gastando duas ou três horas e desgastando minhas mãos, meus dedos e minhas articulações se eu posso pegar isso pronto e fazer em uma hora ao invés de fazer em três ou quatro horas.

9. Como tradutora, o que você responderia se alguém (talvez um cliente, ou até alguém com a intenção de diminuir a importância do tradutor humano) lhe perguntasse se usa o GT?

R.: Eu digo que sim, que uso, sem dúvida nenhuma e vou repetir o que já falei, eu utilizo todo o meu tempo para refinar o meu texto, para obter um texto mais natural, mais elegante em português, mas claro, muitas vezes a gente tem que explicar certas coisas que não estão bem explicadas no texto, muitas vezes a gente tem que adaptar para os leitores brasileiros, certas coisas que não estão adaptadas. Esse é o serviço do ser humano, que está trabalhando com inteligência, com atenção ao contexto, atenção à cultura geral, tudo aquilo que tem por trás, background e aquilo tudo, não é? É para isso que serve nossa cultura e nossa inteligência, para refinar o texto e não para dar aquela primeira versão crua que o software já é capaz de fazer. Então, eu não tenho nenhuma vergonha e não escondo de ninguém que uso esse programa. Não acho que isso diminui o meu trabalho, muito pelo contrário, e nunca ninguém deixou de dar trabalho para mim também, mesmo porque hoje em dia, todo mundo está usando. Quem não está usando, sei lá, no mercado de trabalho, todo mundo usa e é há muitos anos já, não é novidade.

10. Como é a sua interação com a máquina? Que critérios você usa para aceitar ou rejeitar as propostas do GT?

R.: A interação com a máquina não, interação com programa, repetindo, não é uma máquina, apesar de que em inglês eles dizem “*Machine translation*”. Mas essa palavra “máquina” está sendo usada no sentido metafórico; não é uma máquina, é um programa que é feito por gente. A minha interação é essa que eu já falei quais critérios para aceitar ou rejeitar. Eu vejo que tá errado, eu corrijo que tá errado como nesse caso do baile de máscaras, eu procuro mais naturalidade, mais clareza. Agora, existem áreas que ele faz extremamente bem, por exemplo, na área da medicina. Eu fiz uma tradução, eu e meu irmão fizemos uma tradução muito grande sobre doenças; era bem padronizada, cada doença tinha os sintomas, quem ela afeta mais, qual o tratamento padrão e os prognósticos. Então é isso aí, esse programa está extremamente bem capacitado para traduzir os nomes das doenças, a tradução dos nomes das partes do corpo de todos os sistemas, que a gente tem no organismo, está perfeita. Agora, a estrutura das frases é que a gente mudava muito porque vinha tudo muito na voz passiva, por exemplo. E a gente mudava da voz passiva para voz ativa, era muito repetitivo, eu procurava variar um pouco apesar de que aquilo era recomendações padrão, talvez para médicos que estão em lugares mais afastados, mas é para dar um exemplo de uma área maravilhosa para se usar, que é a medicina, e tem mais uma coisa: ele (GT) evita que você faça saltos, muitas vezes a gente se confunde quando está fazendo tradução manualmente, você pula uma linha, pula uma frase ou duas, pula às vezes até um parágrafo inteiro, isso não vai acontecer com o *software*, ele não vai deixar acontecer isso, ele traduz tudo e depois cabe a nós refinar.

3.3 TESTEMUNHO 3

Neumar de Lima

Por último, será apresentada uma reflexão sobre as mudanças paradigmáticas no processo tradutório de Neumar de Lima, Mestre em Linguística Aplicada pela PUC-SP, professor do curso de tradutor e intérprete do Centro Universitário Adventista de São Paulo e tradutor de livros de teologia, filosofia e história há muitos anos. Ele teve uma certa resistência, no início, ao lidar com o Google tradutor, assim tendo que adotar um novo paradigma no processo tradutório, quebrar barreiras para adaptar-se a novos métodos de tradução e assim abandonar o único processo de tradução aceito por ele, que era o processo cognitivo da tradução. Seguem suas reflexões abaixo:

Acabo de adotar novo paradigma no meu processo tradutório. Esse paradigma parece estar em contradição com o que seguia anteriormente e defendia em meus artigos e em sala de aula. Nesse contexto, o objetivo dessa reflexão era, primeiramente, descrever essa nova experiência e tentar harmonizá-la com meus procedimentos anteriores em cuja fundamentação teórica ainda acredito.

Custou-me muito mudar minha sistemática de trabalho de tradução, pois envolvia mudanças de mentalidade sobre como uma tradução deve ser feita. No meu paradigma convencional, eu só aceitava uma tradução que passasse pelo processo cognitivo de percepção/desverbalização/reverbalização, conforme postulados de Seleskovitch e Lederer, fazendo o máximo para não levar em conta transferências literais. Além disso, temia fazer traduções fragmentadas, sem que eu tivesse a visão do todo, razão pela qual resistia ao uso de *softwares* e tradução como o Wordfast. Gostava de ver o texto em seu contexto mais amplo para uma apreensão cognitiva maior dele, e sempre que necessário retornava ao texto para me certificar de que estava acompanhando seu sentido.

Todos esses e outros aspectos estão firmemente ancorados em meu “princípio cognitivo de tradução”, no qual não deixei de crer, em princípio. É inegável o fato de que esse conceito me trouxe muitos benefícios. No entanto, do ponto de vista pragmático, devo reconhecer que todo o meu processo de tradução acabou-se tornando muito desgastante do ponto de vista mental/cognitivo. Diante da minha falta de tempo e da demanda incessante do trabalho de tradução, me vi forçado a tentar novas abordagens.

Em oposição ao meu paradigma tradicional, o novo parece refletir um viés mais estruturalista e dicotomizado que tanto condeno em sala de aula, em palestras e em artigos escritos e publicados. Além disso, a tradução se processa de forma fragmentada, ou seja, por meio de segmentos definidos pelo próprio software. O que é mais inovador para mim foi a adoção do Google Tradutor como ferramenta de tradução, o que nunca havia feito. Devo confessar que do ponto de vista intelectual, esse novo paradigma me causa conflito cognitivo, acadêmico, etc. No entanto, preciso ter mente aberta para testar outras opções que se mostrem mais realistas. O efeito pragmático do novo paradigma tem se mostrado superior ao anterior. Em primeiro lugar, reduzi o tempo de tradução. Em segundo, ele tem poupado minhas energias mentais cognitivas, que estou canalizando para o processo de revisão.

Na verdade, não posso dizer que abandonei o paradigma anterior pura e simplesmente; o que fiz foi adotar uma postura mais equilibrada que me permitiu usufruir das vantagens tecnológicas sem renunciar ao meu *know-how* construído sob o paradigma anterior. Essa mudança teve os seguintes efeitos práticos no meu processo de tradução: a) passei a segmentar mais o processo de tradução em etapas mais administráveis, cognitivamente falando; b) passei a valorizar os aspectos estruturais semelhantes entre as duas línguas. Em outras palavras, em vez de me esforçar por ser o mais diferente possível, passei a procurar ser o mais fiel possível – pelo menos na etapa inicial da tradução - à estrutura da língua de partida, respeitando, evidentemente, as peculiaridades básicas da língua portuguesa. Em suma: se pode ficar semelhante, por que mudar? Com esse procedimento, passei a valorizar o conhecido, as intersecções linguísticas, poupando, assim, o esforço cognitivo e reservando-o para as etapas de revisão em que o diferente sem imporá à medida em que se busca “burilar” a língua portuguesa para que fique mais idiomáticas; e isso *conforme a necessidade* e não *por capricho* estilístico do tradutor, pelo qual ele não é pago.

Em síntese, a união entre os dois paradigmas da tradução aparentemente contraditórios tem se mostrado um “*compromise*” [adaptação, ajuste, arranjo, meio-termo, medida flexível e pragmática] libertador que está me permitindo realizar um trabalho mais tranquilo, menos estressante e com qualidade comparável ao paradigma anterior (texto apresentado em sala de aula).

3.4 CONCLUSÃO

Em pontos de vista diferentes, os tradutores se assemelham em alguns aspectos em relação à tradução automática. O primeiro deles, um dos mais comentados, é a economia de tempo em relação à digitação, pois com o uso do GT, a digitação fica em segundo plano, e assim o tempo gasto antes com a tradução manual, agora será investido no processo de revisão, etapa em que acontecem o polimento e refinamento do texto pelo tradutor. Também foi comentado sobre a preocupação do uso do GT pelos tradutores iniciantes por depositarem muita confiança nessa ferramenta, correndo o risco de desmerecer o processo de revisão, indispensável no ato tradutório, como mencionado em uma das entrevistas. Por último, percebe-se que alguns tradutores aceitam o sistema de tradução automática do Google à *prima facie*, já os outros tem que quebrar um paradigma/preconceito anterior, não necessariamente abandonando-os, para aceitar o uso do Google Tradutor, uma ferramenta de tradução automática que não é mais novidade na área de tradução.

4.1 A TEORIA INTERPRETATIVA DE DANICA SELESKOVITCH

Neste trabalho foi abordada a teoria da Danica Seleskovitch (1978, 1980, 1984) devido a seu viés mais cognitivo e sua ênfase no processo de percepção-desverbalização-reverbalização dos enunciados linguísticos, conceitos que cremos estar mais relacionados com a tradução puramente humana, descrita neste trabalho como tradução manual (TM).

Danica Seleskovitch, conhecida como uma das grandes teóricas na área de interpretação, desenvolveu a *Théorie du Sens* (Teoria do Sentido). Mesmo que essa teoria seja aplicada com mais frequência na modalidade oral, ela também pode ser aplicada na tradução escrita.

A *Théorie du Sens*, ou Teoria Interpretativa, proposta por Danica Seleskovitch, foi aplicada inicialmente apenas à área de interpretação. Um dos pontos principais da *Théorie du Sens* é a *desverbalização*, ideia que surgiu de um contexto específico, a interpretação de conferência, e não da tradução escrita. Danica Seleskovitch recusava dizer que essa ideia poderia ser aplicada à tradução escrita; porém, os tradutores conseguiram convencê-la de que era possível aplicar essa teoria à tradução escrita (PAGURA, 2012).

Posteriormente, essa teoria foi desenvolvida e aplicada na tradução escrita por Marianne Lederer, aluna de Seleskovitch, e Reynaldo Pagura, pesquisador e defensor da teoria seleskovitchiana no Brasil, que também desenvolveu e escreveu vários artigos sobre o assunto. Pagura (2003, p. 222) sintetiza o conceito seleskovitchiano de tradução dizendo que “ao se traduzir do inglês para o português, por exemplo, o texto de chegada, quer seja ele escrito ou oral, deverá parecer ter sido produzido originalmente em português, sem traços que denotem sua origem no inglês”.

Os postulados da sua teoria mostram uma tradução voltada ao sentido, procurando conservar e transmitir o sentido e intenção do autor do texto da língua de partida, evitando a literalidade. A Teoria Interpretativa de Seleskovitch surgiu no cenário da interpretação de conferências. Lima (2012, p.3), com base em Pagura (2003), resume a Teoria Interpretativa assim:

A teoria postula que uma boa tradução não é o resultado do mero conhecimento da língua enquanto sistema ou estruturas linguísticas. Com efeito, a tradução vai muito além da mera correspondência estrutural entre uma língua e outra. Em outras palavras, a missão do tradutor não consiste simplesmente em estabelecer de forma mecânica e automática correspondências estruturais ou lexicais entre língua de partida e língua de chegada. Ao contrário, cabe ao tradutor levar em conta não apenas o sistema linguístico, mas principalmente o uso comunicativo da língua (Lima, 2012, p. 3).

Lima (2012) afirma ainda que:

o texto a ser traduzido não é simplesmente um conjunto de sequências de estruturas a serem dissecadas, mas um discurso com funções pragmáticas e comunicativas que exigem processamento cognitivo por parte do tradutor. Isso significa que o tradutor cujo alvo é realizar um trabalho consciente e eficiente precisa se livrar das amarras do domínio dos sistemas de signos articulados e passar a ver a língua como ato de comunicação (Lima, 2012, p. 3).

Com isso, percebe-se, mais uma vez, que o foco da teoria não está nas “palavras”, ou na “letra” e, sim, nos “conceitos” e ideias. Danica Seleskovitch divide a Teoria Interpretativa em três etapas, ou postulados básicos: *percepção*, *desverbalização* e *reverbalização*. Ribeiro (2014), com base em Seleskovitch (1978), explica cada uma dessas etapas:

A Teoria Interpretativa é composta por três etapas básicas: a *percepção*, que consiste no momento em que o tradutor entende o sentido da mensagem, fazendo uso de seus complementos cognitivos e conhecimentos linguísticos; a segunda parte, a *desverbalização*, é a fase na qual o tradutor irá se desprender da estrutura original do texto de partida, mantendo sempre o sentido e a intenção expressada pelo autor; *reverbalização*, a terceira etapa, é quando transmitimos o enunciado, que já foi compreendido e desverbalizado, para a língua de chegada, sempre tendo em vista o público alvo e o contexto situacional (Ribeiro, 2014, p. 8).

Lima (2012, p. 5), com base em Pagura (2003), comentando sobre a primeira etapa, a percepção, explica o conceito de complementos cognitivos mencionado acima. São eles: o contexto verbal, o contexto situacional e o contexto cognitivo.

O *contexto verbal* refere-se à interação das palavras já lidas pelo tradutor no enunciado, armazenadas em sua memória imediata, com outras palavras que vão surgindo. O texto, na realidade, corresponde a um fluxo contínuo de palavras, cada palavra contribuindo para o significado das palavras em seu entorno imediato e tornando-as mais específicas; O *contexto situacional* refere-se ao fato de o tradutor precisar conhecer quem escreveu o texto original, as diferentes circunstâncias da produção textual, bem como o público destinatário do texto. O contexto situacional permitirá que o tradutor expresse a mensagem da maneira mais apropriada possível e compreenda significados relevantes, eliminando, assim, a polissemia; O *contexto cognitivo* refere-se ao saber latente, desverbalizado, que o tradutor possui sobre o assunto tratado e outros correlatos, e que intervém na compreensão das sequências verbais sucessivas. Esse contexto ancora-se mais na memória de longo prazo do tradutor e lhe permite lembrar de conhecimentos adquiridos antes do ato tradutório. (LIMA, 2012, p. 5).

Pagura (2003) acrescenta que, na etapa da percepção, há um aspecto importante chamado *bagagem cognitiva*, que é o conhecimento de mundo do intérprete, ou seu *conhecimento enciclopédico*. Em outras palavras, é tudo aquilo que os intérpretes conhecem, ora por experiência, ora por meio da aprendizagem de vida. Trata-se de um conhecimento mobilizado pela cadeia enunciativa e que contribui para a compreensão do que foi dito ou lido (PAGURA, 2003).

Ampliando esse assunto, Freire (2008), com base em Lederer (1989), afirma:

Os falantes nativos de uma língua não se dão conta da existência dos complementos cognitivos. Os contextos verbal, situacional e cognitivo, além do conhecimento de mundo, entram em cena muito naturalmente, ao passo que apenas a língua em si parece estar presente. A interpretação, entretanto, requer a percepção dos complementos cognitivos, pois a tradução não ocorre apenas com base nas línguas em si. As diferenças em termos de estrutura linguística são velhas conhecidas; porém, limitar a pesquisa à gramática e à linguística contrastiva não levou a ciência da tradução além do ponto que a tradução automática pôde atingir (Freire, 2008, p. 156)

Quanto à *desverbalização*, o segundo postulado da teoria, Lima (2012, p. 4), com base em Pagura (2003), ressalta que ela envolve o “abandono imediato e intencional das palavras e retenção da representação mental/cognitiva da mensagem (conceitos, ideias, etc), ficando o intérprete apenas com a consciência do sentido”.

Por último, sobre o estágio de *reverbalização*, Lima (2012, p. 4), com base em Pagura (2003), afirma que o intérprete produz um novo enunciado na língua de chegada, dessa forma “permitindo que o intérprete revista o sentido desverbalizado de uma nova roupagem”. Lima acrescenta: “Nesse estágio, o tradutor tem a oportunidade de dar nova feição à mensagem compreendida e desverbalizada, ou seja, revestir o sentido de nova roupagem e produzir um novo enunciado na língua-alvo” (LIMA, 2012, p. 4).

Freire (2008) resume da seguinte maneira os três conceitos (percepção, desverbalização e reverbalização) mencionados acima, com base em Seleskovitch e Lederer (1989):

O processo de interpretação compreende três etapas: 1) a fusão dos elementos do sentido linguístico com o conhecimento extralinguístico para obter o sentido; 2) a desverbalização desse sentido à medida que ele surge; e 3) a expressão espontânea desse sentido de modo linguístico (FREIRE, 2008, p. 153).

Pagura (2012, p. 97) afirma que a teoria de Seleskovitch, por concessão, admite a indispensabilidade de traduções literais em alguns casos, método tradutório conhecido por *transcodificação*, que seria a tradução sem *desverbalização*. Em outras palavras, em alguns casos, há necessidade de traduzir as palavras de uma língua por equivalências já preestabelecidas para outra língua. Isso acontece nos casos de nomes próprios, números, palavras técnicas bem específicas e siglas. Por outro lado, segundo Freire (2008 p. 166), se não forem os casos mencionados acima, para Seleskovitch e Lederer, ao selecionar a estratégia de transcodificação ao invés da desverbalização, o intérprete (o tradutor, neste caso) correria um grande risco de não ser capaz de acompanhar o ritmo discursivo, porque as palavras precisam fluir de forma natural.

Em suma, o ato de traduzir exige um envolvimento cognitivo intenso da parte do tradutor baseado em um conhecimento consolidado da língua de partida e de chegada junto com os complementos cognitivos mencionados acima.

4.2 A TEORIA DEFORMADORA DE ANTOINE BERMAN

Esta segunda parte do capítulo deste trabalho trata das concepções de tradução de Antoine Berman, teórico e crítico francês no século 20 e representante de uma linha de tradução mais literal. Berman, em *A Prova do Estrangeiro* (2002), demonstra sua grande apreciação pelo estrangeiro e destaca como as marcas e a cultura da língua original devem ser percebidas pelo leitor.

Berman, numa crítica às traduções em geral, e de modo especial às mais interpretativas, expõe o que ele caracteriza como *tendências deformadoras* durante o processo tradutório, que, no geral, procuram apagar as marcas do estrangeiro. Rodrigues (2007, p. 1) ressalta que, para Berman, o produto de “uma boa tradução é uma tradução ética”, ou seja, uma tradução que não esconde as marcas do estrangeiro e também não coloca uma cultura acima da outra ou como a mais certa. A autora declara ainda que Berman não tem como objetivo aceitar adaptações para o público e cultura alvo, pois para ele a tradução ideal “não deve ser redutora nem apropriadora”. Para Berman, é preciso enfatizar a relação entre os termos significativos do texto fonte, uma vez que, segundo ele, “a fidelidade ao sentido tem que ver com a infidelidade à letra”.

Em seu livro *A tradução e a Letra ou Albergue do Longínquo*, o francês critica as teorias chamadas tradicionais, que defendem uma tradução em que o sentido seja perfeitamente transmitido, ou seja, uma tradução cujo foco se centraliza no sentido e não na letra. Explorando esse tema, Berman (2007, p.26) declara que a maior parte das teorias de tradução são consideradas traduções domesticadas, ou seja, feitas como imitação, dando assim mais valor à cultura da língua alvo e contornando a letra. O resultado de tal tradução, para ele, será um texto etnocêntrico – voltado para a cultura alvo – e hipertextual, ou seja, um texto que reproduz o outro, caracterizado por “uma tradução mais livre”. Em outras palavras, uma recriação do texto original. Tudo isso acaba reforçando o conceito de que tradução é uma traição, já que dissocia sentido e letra e não transmite aspectos culturais do texto de origem. Berman finaliza seu pensamento dizendo:

Questionar a tradução hipertextual e etnocêntrica significa procurar situar a parte necessariamente etnocêntrica e hipertextual de toda tradução. Significa situar a parte que ocupam a captação do sentido e a transformação literária. Significa mostrar que essa parte é secundária, que o essencial do traduzir está alhures, e que a definição da tradução como transferência dos significados e variação estética reencontrou algo de mais fundamental (Berman, 2007 *apud* Rodrigues, 2007, p. 38).

Para compreender como Berman (2007) leva a sério a Teoria da Deformação, no início do segundo capítulo de seu livro *A Tradução e a Letra*, o autor declara: “Esta analítica parte da localização de algumas tendências deformadoras, que formam um todo sistemático, cujo fim é a destruição, não menos sistemática, da letra dos originais, somente em benefício do ‘sentido’ e da ‘bela forma’” (p. 47). Ainda nesse mesmo livro, ele levanta

13 tendências deformadoras passíveis de acontecer em toda tradução. O autor adianta que não se pode omitir essas tendências somente por saber que elas existem. Berman (1985 p. 44) explica:

Apenas uma “análise” de sua atividade permite neutralizá-las. É apenas ao submeter-se a “controles” (no sentido psicanalítico) que os tradutores podem esperar libertar-se parcialmente desse sistema de deformação, que é tanto a expressão interiorizada de uma longa tradição quanto da estrutura etnocêntrica de cada cultura e cada língua enquanto “língua culta” (Berman, 1985, p.44).

A tabela abaixo, com base em Berman (2007), sintetiza as 13 tendências deformadoras:

Tendência deformadora	Explicação
1. Racionalização	Inversão de procedimentos linguísticos e discursivos: concreto se torna abstrato, verbos se tornam substantivos, etc.
2. Clarificação	O texto traduzido se torna mais claro que o original.
3. Alongamento	A tradução se torna mais longa do que o texto original.
4. Enobrecimento	Reescritura embelezante a partir do original.
5. Empobrecimento qualitativo	substituição de termos, expressões, modos de dizer, etc., por outros termos da língua de chegada.
6. Empobrecimento quantitativo	Aumento da massa bruta do texto ou de significantes explicativos e ornamentais sem qualquer relação com o tecido lexical de origem.
7. Homogeneização	Apagamento da heterogeneidade linguística e literária do original.
8. Destruição dos ritmos	Fenômeno marcado pela mudança de pontuação, quebrando o ritmo do texto original.
9. Destruição das redes significantes subjacentes	Destruição do tecido textual implícito de significantes presente em todo o texto.
10. Destruição dos sistematismos	Alterações nos tipos de frases e de construções utilizadas no original.
11. Destruição ou a exotização das redes de linguagens vernaculares	Eliminação ou destaque inapropriado de linguagens vernaculares do original por meio de itálicos, acréscimos, ênfases, imagens estereotipadas ou substituições banalizadas do vernacular estrangeiro por um vernacular local.
12. Destruição das locuções	Substituição de imagens, provérbios e estruturas idiomáticas do original por equivalências na língua de chegada.
13. Apagamento das superposições de línguas	Apagamento de dialetos que coexistem com a norma padrão de determinada língua.

Tabela 1: As Tendências Deformadores de Berman

Percebe-se então o quanto a letra é importante para Berman e o que deve ser evitado no momento da tradução para manter as características do original, para que a tradução seja de fato ética, segundo seus pressupostos.

4.3 OS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO DE HELOISA BARBOSA

Heloisa Gonçalves Barbosa (2004), com base no trabalho pioneiro de Vinay e Dalbernet (1958, 1977) e em outros teóricos da tradução como Nida (1964), Catford (1965), Newmark (1981) e Vasquez-Ayora (1977), apresenta uma proposta de caracterização e recategorização de procedimentos técnicos de tradução. Seu objetivo foi duplo: 1) apresentar uma lista mais completa e precisa dos procedimentos técnicos que fosse “abrangente [o] suficiente para recobrir o que fato ocorre nas traduções (BARBOSA, 2004, p. 61); 2) tentar romper com a dicotomia tradução literal x tradução livre, propondo um modo mais unificado de ver a tradução, não baseado nessa dicotomia, mas, sim, no princípio de convergência ou divergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralinguística. Com isso em mente, Barbosa sistematizou 13 procedimentos de tradução. Eles serão descritos a seguir conforme seu nível de convergência ou divergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralinguística.

4.3.1 Procedimentos com convergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralinguística

1) Tradução palavra-por-palavra

Como o nome do procedimento já diz, esta estratégia consiste em traduzir palavra-por-palavra, em outras palavras, é uma tradução totalmente associada à literalidade de cada palavra, sendo uma tradução feita da LO (língua original) usando vocábulos que tem significados equivalentes na LT (língua de tradução ou língua alvo) e assim, mantendo a mesma categoria numa mesma ordem sintática. Muitas pessoas entendem “tradução” por essa definição.

Exemplo:	He	wrote	a	letter	to	the	mayor
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
	Ele	escreveu	uma	carta	para	o	prefeito

2) Tradução literal

Essa estratégia pode ser confundida ou interpretada com o procedimento anterior (tradução palavra-por-palavra). Aubert (1987 *apud* Barbosa) “Considera a *Tradução literal* como ‘aquela em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando porém a morfossintaxe às normas gramaticais da LT’” (p. 65). Há circunstâncias em que o mesmo será “necessário, ou até obrigatório” dependendo do texto.

Exemplo:	It	is	a	known	fact
	-	é	o	fato	conhecido

4.3.2 Procedimentos com divergência do sistema linguístico

3) Transposição

Barbosa (2004) afirma que “a transposição consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir” (p. 66).

Exemplo:		
She said	apologetically	ADVÉRBIO
(ela) disse	desculpando-se	VERBO REFLEXIVO
(ela) disse	como justificativa	ADJUNTO ADVERBIAL

Há momentos em que esse procedimento é considerado obrigatório, quando “é imprescindível para que a tradução se atenha às normas da LT” (p. 67), ou facultativo, quando é realizada por motivos estilísticos para evitar o sufixo “mente” na tradução do inglês para o português, que é considerado deselegante, segundo a autora.

4) Modulação

Neste procedimento acontece a reprodução da mensagem do TLO (Texto na Língua Original) no TLT (Texto na Língua de Tradução) “no modo como as línguas interpretam a experiência real” (p. 67).

Exemplo:	
like the <u>back</u> of my hand	como a palma da minha mão

5) Equivalência

Esse procedimento geralmente é aplicado na tradução de expressões idiomáticas, provérbios, ditos populares e outras expressões culturais da LO (Língua Original), porque “consiste em substituir um segmento de texto da LO para um outro segmento da LT que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente.” (p. 67)

Exemplo:	
God bless you!	Saúde!
Truly yours	Atenciosamente
Sincerely yours	Atenciosamente

4.3.3 Procedimentos com divergência do estilo

6) Omissão vs. explicitação

O primeiro procedimento (omissão) consiste em “omitir elementos do TLO que, do ponto de vista da LT, são desnecessários ou excessivamente repetitivas” (p. 68). Como acontece muitas vezes na tradução de inglês para o português com os pronomes pessoais, pois em português seria considerada repetição excessiva. Segue abaixo o nosso exemplo:

Exemplo:

We went to the party.

Fomos à festa

Já no segundo procedimento (explicitação), seria um procedimento inverso ao anterior. Em outras palavras, no caso da tradução de português para o inglês, ocorreria a *explicitação* do pronome, já que é obrigatória sua presença em inglês por não ter sujeito oculto nem sujeito indeterminado.

7) Compensação

Segundo Barbosa (2004), esse procedimento baseia-se em “deslocar um recurso estilístico, ou seja, quando não é possível reproduzir no mesmo ponto, no TLT, um recurso estilístico usado no TLO, o tradutor pode usar um outro, de efeito equivalente, em outro ponto do texto. Em outras palavras, é um procedimento que ocorre para compensar o equilíbrio estilístico do texto usando trocadilhos, por exemplo.

8) Reconstrução de períodos

Como Barbosa (2004) afirma, “A *reconstrução* consiste em redividir ou reagrupar os períodos e as orações do original para passá-los para LT” (p. 70). Ela explica que, na tradução do português para o inglês, é fundamental repartir “as orações complexas do português em períodos mais curtos em inglês”. Por outro lado, na tradução do inglês para o português acontece o contrário, o que acontece muitas vezes na tradução de manuais, segundo a autora.

9) Melhorias

Este procedimento consiste em, ao traduzir o texto, corrigir os erros cometidos pelo autor no TLO. Barbosa (2004) ainda afirma que “consiste em não se repetirem na tradução os erros de fato ou outros tipos de erro cometidos na TLO” (p. 70).

4.3.4 Procedimentos com divergência da realidade extralinguística

10) Transferência

A transferência, segundo a autora, é o ato de “introduzir material textual da LO na LT” (p. 71). Ela divide esse procedimento em quatro categorias, conforme mostra a tabela a seguir:

Tipo de empréstimo	Definição	Exemplos
1. Estrangeirismo	Transferência (transcrição ou cópia) para o TLT de vocábulos ou expressões da LO que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado no TLO que seja desconhecido para os falantes da LT.	Feedback, link, freelancer.
2. Transliteração	Substituição de uma convenção gráfica por outra. Ocorre em casos de extrema divergência entre duas línguas que sequer têm o mesmo alfabeto comum.	Glasnost - transliteração do alfabeto cirílico para o romano.
3. Aclimação	Adaptação de um radical estrangeiro à fonologia e à estrutura morfológica da língua que o importa	Deletar, piquenique, nocaute, clipe
4. Transferência com explicação	Explicação de palavras ou expressões da LO que são dificilmente compreendidas pelo público-alvo sem auxílio de um procedimento adicional, que pode ser: nota de rodapé, explicações no próprio texto (entre vírgulas, entre travessões, entre aspas ou entre parênteses).	<i>SAT, Scholastic Aptitude Test</i> , exame de avaliação a que se submetem estudantes norte-americanos ao final do Ensino Médio como requisito para a entrada nas universidades.

Tabela 2: Tipos de Empréstimos

11) Explicação

Como afirma Barbosa (2004), esse procedimento consiste em eliminar do TLT os estrangeirismos para facilitar a compreensão” (p.75), substituindo os *estrangeirismos* por *explicações*.

Exemplo: ... O supletivo americano... (omitindo a palavra “night school”); ... o mercado financeiro de Nova Iorque... (omitindo a palavra “Wall Street”).

12) Decalque

Barbosa (2004) explica esse procedimento como “trauzir literalmente sintagmas ou tipos frasais da LO no TLT; muitos autores interpretam o decalque como sendo uma aclimação do empréstimo linguístico” (p. 76).

Exemplos:

a) Decalque de tipos frasais:

task force

força tarefa

case study

estudo de caso

b) Decalque de tipos frasais ligados a nomes de instituições

INPS – National Institute for Social Welfare

The Peoples’s Republic of China – A República Popular da China.

13) Adaptação

Barbosa (2004) descreve esse procedimento como o “limite extremo da tradução” (p. 76), no qual os “elementos referentes à LO não existem na realidade extralinguística dos falantes da LT”. Aplica-se a *adaptação*, segundo autora, “podendo ser recriada por uma outra equivalente na realidade extralinguística da LT”.

4.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

A linguística é um campo que apresenta diferentes abordagens como a linguística estruturalista e sociologista, que foram escolhidas como paradigmas a fim de analisar de forma linguístico-discursiva a matéria prima do GT. Sobre a linguística estruturalista, Lima (1998, p. 2) afirma:

Tal método dá ênfase ao sistema como um todo e explica a língua dentro dos parâmetros impostos por ele, jamais saindo do campo linguístico para explicá-la, nem tampouco recorrendo à História.

Sobre a linguística sociologista, por sua vez, Lima, com base em Orlandi (1896), comenta:

Tem como proposta básica considerar como primordial a relação da linguagem com as condições de produção do discurso, relacionadas com o falante, o ouvinte, o contexto da comunicação ou o contexto histórico-social (LIMA, 2002, p. 27).

Dentro das duas esferas mencionadas acima, as categorias escolhidas para a análise são divididas em: (i) morfossintática e semântica, que fazem parte da esfera estruturalista, e (ii) a pragmático-discursiva, que, por sua vez, apresenta tendência sociologista. Essas categorias foram escolhidas a fim de averiguar como o GT lida com os aspectos contextuais (análise morfossintática) e aspectos extracontextuais (análise semântica e pragmático-discursiva).

4.4.1 A categoria morfossintática

Morfossintaxe é a junção do conceito de morfologia e sintaxe. Segundo Duarte (2020), “a Morfologia é a parte da gramática que estuda as palavras de acordo com a classe gramatical a que ela pertence”. Trata-se das classes gramaticais: artigos, pronomes, substantivos, verbos, adjetivos, interjeições, conjunções, advérbios, preposições e numerais.

Duarte explica que “a Sintaxe é a parte que estuda a função que as palavras desempenham dentro da oração”. São os elementos sintáticos: sujeito, objeto direto e indireto, adjunto adverbial, predicado, complemento nominal, vocativo, aposto, entre outros.

Exemplo: Carlos e Marcos gostam de cantar todos os dias. Segue a análise morfossintática na tabela a seguir:

	Carlos	e	Marcos	gostam	de	cantar	todos	os	dias
Morfologia	Sub. próprio	Conj.	Subst. próprio	Verbo	Prep..	Verbo no inf.	Pron. Ind.	Art.	Subst..
Sintaxe	sujeito composto			predicado verbal					
					Obj. ind.	Adjunto adverbial de tempo			

Tabela 3: Exemplo de Análise Morfossintática

4.4.2 A categoria semântica

Segundo Jota (1981, p. 295), semântica é definida como

parte da lexicologia que trata da significação das palavras e suas modificações através do tempo e espaço [...] Hoje, entretanto, tem-se a semântica como estudo da significação da palavra, que se fará atendo-se a uma fase da língua ou observando mutações significativas que a palavra passa através do tempo.”

A semântica contém *significante* e *significado* como seus elementos.

Segundo Jota (1981), em seu livro *Dicionário de Linguística*, *significante* tem a seguinte definição: “Instrumento sonoro através do qual se realiza o significado” (p. 302). O autor assim define *significado*: “Um objeto ideal; é uma relação entre signo e objeto, ou entre o signo e pensamento relativo ao objeto” (p. 300). Por exemplo: a palavra *pedra*, vista como *significante*, corresponde à imagem sensorial, representada por meio de letras p/e/d/r/a. *Pedra*, como significado, por sua vez, nos remete aos diferentes conceitos evocados pelo *significante pedra*, que podem ser, por exemplo: sf. 1. Matéria mineral dura e sólida, da natureza das rochas. 2. Fragmento dela. 3. Rocha, rochedo. 4. Lápide sepulcral (DUARTE, 2020).

A semântica tem três propriedades: sinonímia, antonímia e polissemia. A sinonímia se refere a palavras com significado ou sentido semelhante (ex.: garota, mocinha, guria); a antonímia, o oposto da sinonímia, se refere a palavras com significados opostos (ex.: feliz e triste; verdade e mentira); a polissemia se refere às múltiplas significações que uma palavra assume em determinado contexto linguístico (ex.: **letra** da música, a **letra** da Maria, a **letra** P; a **manga** da camisa, a **manga** é uma fruta).

Serão apresentadas algumas análises semânticas neste trabalho com o objetivo de averiguar se o GT consegue captar, além da questão gramatical, o significado da palavra de acordo com o contexto.

4.4.3 A categoria pragmático-discursiva

Jota (1981) define em seu livro *Dicionário de Linguística* o conceito de pragmática como “parte da *semiótica* que trata da origem, emprego e efeito dos signos”. Fonseca (2020) afirma que, pragmática é a ciência do estudo do uso da linguagem. É uma objeção à ideia de que o significado está apenas no texto. Nessa perspectiva, é suficiente que o indivíduo explique o significado da frase a ser comunicada. A pragmática tenta estabelecer a relação entre o conhecimento linguístico entre termos sintáticos (construção de sentenças) e termos semânticos (significado de sentenças) no contexto do uso dessas frases. Em outras palavras, considera não apenas a linguagem, mas também a comunicação.

Pragmática é o campo da linguística que analisa o uso específico da linguagem em diferentes situações. Conforme Dias (2018) “ela vai além dos sentidos atribuídos pela semântica e pela sintaxe, que se dedicam à construção teórica.” O ponto principal da pragmática é a interpretação da linguagem. Portanto, considera a linguagem falada e suas aplicações nos contextos sociais e culturais. A comunicação que está inserida no contexto é fundamental para interpretar a mensagem transmitida. Nessa lógica, continua Dias (2018), “a pragmática é a intersecção entre o uso linguístico e o uso comunicativo”.

Na pragmática, todos os enunciados são produzidos levando em consideração a constatação de uma realidade. Ela envolve toda uma coleção de conhecimentos psicológicos, sociais, culturais e vê os significados como sendo “influenciados pelo conhecimento compartilhado por palestrantes e interlocutores, [o que permite] a adaptação ao que é dito em uma determinada situação”. Para que haja uma compreensão da mensagem, necessita-se que o interlocutor tenha domínio da linguagem e conhecimento linguístico e extralinguístico. Sendo assim, “são esses conhecimentos que permitem a adaptação daquilo que pode ser dito, a depender da situação”. (Dias, 2018)

De acordo com Piccardi (2016), no geral, a pesquisa sobre os estudos pragmático-discursivos visa responder às seguintes perguntas: O que o falante de fato faz quando fala? De que maneira e até que ponto seu discurso se relaciona com as formações sociais e discursivas que permeia o diálogo? Quais são os impactos dessas falas que poderiam afetar tanto na esfera do contexto imediato quanto no contexto social?

Continua Piccardi (2016):

Olhar a linguagem da perspectiva pragmático-discursiva pode ajudar a deslocar os sentidos do que seja língua e linguagem e promover as bases para um entendimento da comunicação humana em que a agência do sujeito, imbuído de uma competência não idealizada [...] passa a ser central. [...] [Envolve] Aprender a observar as relações entre forma linguística e ato de fala construídas efetivamente em dada situação e qual ancoragem social dá sentido ao que é enunciado. Daí o uso que faço da expressão pragmático-discursivo, que pressupõe uma compreensão da língua como fato social, gerador/construtor de narrativas (PICCARDI, 2016, p. 802-803, 811).

Em suma, pragmática preserva a ideia de que é impossível interpretar um enunciado baseando-se apenas na informação linguística, visto que há todo um “conjunto de informações extralinguísticas, não linguísticas e contextuais” que afetam na elaboração e interpretação de cada enunciado (Dias, 2018).

Essa categoria foi escolhida para a análise a fim de averiguar até que ponto o GT consegue captar a questão pragmático-discursiva, ou seja, se está “consciente”, por assim dizer, de questões extralinguísticas e extracontextuais da pragmática, uma categoria que pode ser considerada a mais complexa de todas.

4.5 CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE TRADUTÓRIA DE BARNWELL

Como esta pesquisa tem o objetivo de avaliar a eficácia e a qualidade da TA feito pelo GT, concluímos este capítulo teórico com algumas considerações sobre os critérios de uma tradução de qualidade, segundo Barnwell (2011). A autora, escrevendo no contexto da tradução bíblica, ressalta que uma tradução de qualidade deve atender a três critérios: *exatidão*, *clareza* e *naturalidade*. A tabela abaixo sintetiza os conceitos de Barnwell:

Qualidades de um Boa Tradução	Explicação
Exatidão	O tradutor deve expressar o significado da mensagem original da maneira mais exata possível na língua para a qual está traduzindo. Isso não significa seguir fielmente a forma do original, mas transmitir o mesmo significado . A exatidão da tradução pode ser comprometida por meio de três procedimentos tradutórios: (i) <i>omissões</i> que eliminem parte da mensagem original; (ii) <i>acrêscimos</i> ao significado da mensagem e (iii) <i>modificações</i> que distorcem ou não expressam corretamente o significado da mensagem.
Clareza	A tradução deve ser clara e compreensível. O tradutor deseja comunicar a mensagem de uma forma que os leitores a possam compreender com facilidade. A clareza exige muitas vezes que o tradutor tenha conhecimento do fundo histórico e que ele busque usar palavras que não dificultem a compreensão da mensagem.
Naturalidade	A tradução não deve soar estrangeira, nem deve parecer uma tradução, mas a fala normal, cotidiana de um falante nativo da língua. Nesse quesito, faz-se necessário verificar muito bem o termo a ser usado para expressar da maneira mais natural e idiomática a ideia original na língua alvo.

Tabela 4: Qualidade de uma Boa Tradução (BARNWELL, 2011, p. 27, 28)

Tendo estabelecido os parâmetros teóricos, procedimentais, linguísticos e qualitativos do ato tradutório, passaremos para as análises de textos de diferentes gêneros no capítulo a seguir, conforme os objetivos da pesquisa.

ANÁLISES DAS TRADUÇÕES

Neste capítulo, será feita a análise de textos geral, técnico e literário a fim de avaliar a eficiência da TA, seguindo os seguintes procedimentos: 1) seleção de textos em diferentes gêneros textuais originais que já tenham sido traduzidos “manualmente” para o português sem a interferência da TA; 2) tradução desses mesmos textos pelo GT sem qualquer processo de pós-edição – o que neste trabalho é classificado como *matéria prima*; 3) em seguida, com base em critérios de análise qualitativa em nível linguístico, estrutural, semântico, pragmático e discursivo, será proposta uma pós-revisão, e, assim, procurar cumprir os objetivos da pesquisa; 4) nesse processo, a tradução 100% humana servirá de parâmetro comparativo para avaliar a eficiência, as possibilidades e limitações da TA.

5.1 TRIANGULAÇÃO DE DADOS

Nas análises das traduções de diferentes gêneros, será aplicada a estratégia de triangulação de dados, que, neste caso, incluem o texto original em inglês, a matéria prima, ou seja, a tradução automática do Google tradutor, a pós-edição da matéria prima do Google tradutor e a tradução humana, que será o parâmetro para a validação da análise. A triangulação pode ser definida assim:

A triangulação surge como forma de amenizar problemas de credibilidade em pesquisas, ao adotar como estratégia de investigação, múltiplas visadas e métodos de obtenção de informações (AZEVEDO; OLIVEIRA; GONZALEZ; ABDALLA, 2013).

Ainda sobre a triangulação de dados, pode-se acrescentar:

A triangulação pode ser uma alternativa à validação. Um conjunto de diferentes perspectivas metodológicas, [aliadas] a materiais empíricos diversificados e à participação de múltiplos investigadores num só estudo, [visando trazer] rigor, riqueza e profundidade às pesquisas (Denzin e Lincoln, 2000 *apud* Azevedo; Oliveira; Gonzalez; Abdalla, 2013).

A tradução humana não será foco de análise neste trabalho, mas servirá de instrumento de triangulação a fim de proporcionar maior confiabilidade à análise de dados e um peso maior para chegar às conclusões sobre o valor e eficácia da tradução automática.

5.2 ANÁLISE DO TEXTO GERAL

Agora será apresentado o excerto escolhido do texto geral em uma tabela dividida em: original em inglês, tradução automática (GT), tradução automática do GT com pós-revisão e tradução humana. O texto completo está no Anexo 1 no fim do trabalho, com o objetivo de contextualizar os leitores, e intitula-se *The Three Faces of Love*, extraído da revista *Dialogue* e publicado em português pela revista *Diálogo* sob o título *As Três Faces do Amor*.

A análise de cada frase da matéria prima do GT baseada em abordagens teóricas, procedimentos técnicos da tradução e categorias de análise linguístico-discursiva junto com uma possível pós-revisão. Os fragmentos frasais a ser discutidos estão numerados e grifados no original e nas três traduções apresentadas.

5.2.1 Análise comparativa do excerto selecionado

Original em inglês (OI)	Tradução automática – GT (TAGT)	Tradução automática do Google Tradutor com pós-revisão (TAPR)	Tradução humana (TH)
<p>Tammy was a beautiful young wife. She always had a cheerful smile. Now, she lay on her hospital bed,¹ after a surgery for a cancerous tumor on her cheek.² The surgery had turned her face into a grotesque form, with her cheerful smile forever gone.³ The surgeon had done his best, carefully following the curve of her jawbone⁴ to hide the scar, but the tumor had been too large and the incision too deep⁵. His scalpel had severed the nerves on the right side of her face.⁶ The operation had left the right side of her mouth pulled up into a half-open smile that never moved.⁷</p> <p>The young woman and her husband looked deep into each other's eyes as they discussed the future.⁸ When the surgeon came in, Tammy asked, "Will my mouth be always like this?" "Yes," replied the doctor⁹, "I am afraid it will. In order to remove the tumor I had to cut the nerves. They may never grow back.¹⁰ I'm sorry."</p>	<p>Tammy era uma jovem e bela esposa. Ela sempre teve um sorriso alegre. Agora, ela estava deitada na cama do hospital,¹ após uma cirurgia para um tumor cancerígeno na bochecha.² A cirurgia transformou seu rosto em uma forma grotesca, com seu sorriso alegre desaparecido para sempre.³ O cirurgião fez o seu melhor, seguindo cuidadosamente a curva do seu maxilar⁴ para esconder a cicatriz, mas o tumor era muito grande e a incisão muito profunda.⁵ O bisturi dele cortou os nervos do lado direito do rosto dela⁶ A operação deixou o lado direito da boca em um sorriso meio aberto que nunca se moveu.⁷</p> <p>A jovem e o marido se entreolharam enquanto discutiam o futuro.⁸ Quando o cirurgião entrou, Tammy perguntou: "Minha boca será sempre assim?" "Sim", respondeu o médico⁹, "eu tenho medo que sim. Para remover o tumor, tive que cortar os nervos. Eles nunca podem voltar a crescer.¹⁰ Eu sinto Muito."</p>	<p>Tammy era uma esposa bela e jovem. Ela sempre tinha um sorriso alegre. Porém, agora, ela repousava numa cama de hospital,¹ após uma cirurgia para remover um tumor cancerígeno da sua bochecha.² A cirurgia transformou o seu rosto em uma forma grotesca, e fez com que o seu sorriso alegre desaparecesse para sempre.³ O cirurgião tinha feito o seu melhor, seguindo com cautela, a curva de seu maxilar⁴ para esconder a cicatriz, mas o tumor era muito grande e a incisão profunda demais.⁵ Seu bisturi tinha cortado os nervos do lado direito do rosto dela.⁶ A operação tinha deixado o lado direito de sua boca repuxado num meio sorriso imóvel.⁷ A jovem e seu marido se entreolharam fixamente enquanto discutiam o futuro.⁸ Quando o cirurgião entrou, Tammy perguntou: "Minha boca será sempre assim?" "Sim", respondeu o médico⁹. "Receio que sim. Para remover o tumor, tive que cortar os nervos. Talvez nunca voltem a crescer.¹⁰ Sinto muito."</p>	<p>Tammy era uma bela jovem esposa. Sempre tinha um sorriso prazenteiro. Agora ela jazia numa cama de hospital,¹ depois de cirurgia para remover um tumor canceroso de seu rosto.² A cirurgia tinha dado uma aparência grotesca a seu rosto, e seu sorriso jovial desapareceu para sempre.³ O cirurgião tinha feito seu melhor, seguindo cuidadosamente a curva de seu maxilar⁴ para esconder a cicatriz, mas o tumor era muito grande e a incisão profunda demais.⁵ Seu bisturi tinha cortado os nervos do lado direito de seu rosto.⁶ A operação tinha deixado o lado direito de sua boca repuxado num meio sorriso imóvel.⁷ A jovem e seu marido fitaram o fundo do olho um do outro ao discutirem o futuro.⁸ Quando o cirurgião entrou, Tammy perguntou: "Minha boca será sempre assim?" "Sim", respondeu o médico.⁹ "Receio que será. Para remover o tumor tive de cortar os nervos. Talvez nunca voltem a crescer.¹⁰ Sinto muito."</p>

Tabela 5: Análise comparativa de texto geral

Segue agora a análise de cada fragmento selecionado:

1) Fragmento 1

OI	Now, she lay on her hospital bed.
TAGT	Agora, ela estava deitada na cama do hospital.
TAPR	Porém, agora, ela repousava numa cama de hospital.
TH	Agora ela jazia numa cama de hospital.

Tabela 6: Análise do fragmento 1 do texto geral

Na matéria prima fornecida pelo GT para este fragmento frasal, exceto pela mudança do tempo verbal, o procedimento técnico utilizado, conforme Heloisa Barbosa, foi uma tradução literal. Quanto à tradução do verbo *lay* (*simple past* de *lie* – deitar, jazer), o GT percebeu corretamente que o tempo verbal devia ficar num pretérito imperfeito e não no pretérito perfeito, apesar de ter usado uma locução verbal (estava deitada). Isso mostra que o GT, segundo a categorização de Barbosa, usou um procedimento de divergência do sistema linguística, a saber, uma equivalência do tempo verbal e não uma tradução literal, o que seria de esperar em uma “tradução mecânica”, como muitos poderiam pensar. Na nossa revisão, traduzimos *now* por *porém* para reforçar a ideia de oposição à ideia *ela sempre tinha um sorriso alegre*. Contudo, reconhecemos que a opção do GT também é exata. Optamos pelo verbo *repousar* porque passa o sentido de não somente *deitar*, mas também o sentido de *descansar* após a cirurgia, segundo o contexto.

2) Fragmento 2

OI	[...] after a surgery for a cancerous tumor on her cheek.
TAGT	[...] após uma cirurgia para um tumor cancerígeno na bochecha.
TAPR	[...] após uma cirurgia para remover um tumor cancerígeno da sua bochecha.
TH	[...] depois de cirurgia para remover um tumor canceroso de seu rosto

Tabela 7: Análise do fragmento 2 do texto geral

Percebe-se que houve na matéria prima do GT uma tradução literal, e podemos dizer que a tradução ficou clara, apesar de a preposição *para* não soar, nesse contexto, muito idiomática. Fica evidente que o GT não percebeu que *for* tem também a acepção de *por causa de, devido a*. Por isso, uma simples revisão seria simplesmente substituir *para* por *devido a* (... devido a um tumor ...), e assim a frase ficaria mais natural ou idiomática. Em nossa revisão e na tradução humana, foi utilizado o procedimento de equivalência, segundo Barbosa, por meio de um acréscimo, ao inserirmos a ideia de *remoção*, um procedimento que, segundo Barbosa, constitui uma divergência do sistema linguístico. A frase, no entanto, ficou funcionalmente equivalente.

Se quiséssemos seguir a linha bermaniana, bastaria fazer a substituição da preposição, como indicado acima. Para Berman, portanto, nossa revisão bem como a tradução humana possivelmente seriam criticadas como tendo adotado algumas *deformações*, segundo sua teoria, tais como: 1) *empobrecimento qualitativo*, pois se vê uma substituição de termo, ou modo de dizer, já que, em vez de simplesmente traduzir a preposição *for*, de acordo com uma de suas acepções, valorizando assim a letra do original, optou-se por usar outra maneira de falar por outros termos da língua de chegada; 2) clarificação, já que se fez um esforço para tornar o texto traduzido mais claro ou explícito que o original; 3) alongamento, pois a tradução se tornou mais longa, se bem que num grau pequeno, do que o texto original.

3) Fragmento 3

OI	The surgery had turned her face into a grotesque form, with her cheerful smile forever gone.
TAGT	A cirurgia transformou seu rosto em uma forma grotesca, com seu sorriso alegre desaparecido para sempre.
TAPR	A cirurgia transformou o seu rosto em uma forma grotesca, e fez com que o seu sorriso alegre desaparecesse para sempre.
TH	A cirurgia tinha dado uma aparência grotesca a seu rosto, e seu sorriso jovial desapareceu para sempre.

Tabela 8: Análise do fragmento 3 do texto geral

Neste fragmento, percebe-se que houve na matéria prima fornecida pelo GT a tradução literal com base no procedimento técnico de tradução. Do ponto de vista linguístico o GT não apresentou nenhum equívoco, podendo a tradução ser classificada como exata; porém, falha em termos de naturalidade, segundo os critérios de Barnwell, com a tradução “com seu sorriso alegre desaparecido para sempre”, que não soa idiomática. Portanto, na pós-revisão, para trazer mais clareza e naturalidade, ela ficou assim: “A cirurgia transformou o seu rosto em uma forma grotesca, **e fez com que o seu sorriso alegre desaparecesse para sempre**”.

4) Fragmento 4

OI	The surgeon had done his best, carefully following the curve of her jawbone.
TAGT	O cirurgião fez o seu melhor, seguindo cuidadosamente a curva do seu maxilar.
TAPR	O cirurgião tinha feito o seu melhor, seguindo com cautela, a curva de seu maxilar.
TH	O cirurgião tinha feito seu melhor, seguindo cuidadosamente a curva de seu maxilar.

Tabela 9: Análise do fragmento 4 do texto geral

Neste fragmento, percebe-se que o GT apresentou uma tradução literal, segundo Barbosa, e ao mesmo tempo *exata*, *clara* e *natural*, segundo os critérios de Barnwell. Em uma análise linguística, é possível dizer que o GT não apresentou nenhum erro morfossintático. Porém, já que a língua portuguesa tem a tendência de evitar o sufixo *mente*, para que o texto fique mais elegante, claro e conciso, fizemos uma transposição substituindo **cuidadosamente** por **com cautela**.

5) Fragmento 5

OI	[...] but the tumor had been too large and the incision too deep.
TAGT	[...] mas o tumor era muito grande e a incisão muito profunda.
TAPR	[...] mas o tumor era muito grande e a incisão profunda demais.
TH	[...] mas o tumor era muito grande e a incisão profunda demais.

Tabela 10: Análise do fragmento 5 do texto geral

Neste fragmento, o GT apresentou uma tradução literal e ao mesmo tempo *exata*, *clara* e *natural*. Não houve nenhum erro gramatical; contudo, para evitar a repetição dos termos (muito), foi proposta a seguinte tradução pós-revisada: “mas o tumor era **muito** grande e a incisão profunda **demais**”. Foi apenas uma questão estilística.

6) Fragmento 6

OI	His scalpel had severed the nerves on the right side of her face.
TAGT	O bisturi dele cortou os nervos do lado direito do rosto dela.
TAPR	Seu bisturi tinha cortado os nervos do lado direito do rosto dela.
TH	Seu bisturi tinha cortado os nervos do lado direito de seu rosto.

Tabela 11: Análise do fragmento 6 do texto geral

A matéria prima fornecida pelo GT representou uma tradução literal; e analisando linguisticamente, é possível afirmar que o GT não apresentou nenhum erro morfossintático, tampouco semântico. No entanto, *His scalpel* poderia ser traduzido como **Seu bisturi** em vez de *O bisturi dele*, por seguir a mesma linha do contexto da história, neste caso, do médico. Essa sugestão foi feita para deixar a frase mais natural. É de fato impressionante como o GT parece perceber o contexto. Na frase “cortou os nervos do lado direito do rosto **dela**”, dada pelo GT, percebe-se que o GT quis especificar que o bisturi pertencia ao médico, que cortou os nervos do rosto da paciente, empregando a preposição *de* mais pronome pessoal *ela* – *dela* – em vez de de apresentar o pronome possessivo *seu*, que poderia gerar ambiguidade. Do ponto de vista verbal, percebe-se que o GT não traduziu literalmente o *past perfect tense* do original (*had severed*), o que deixaria a tradução mais clara e exata. A TH o faz, e nós também fizemos tal alteração na proposta de pós-revisão.

7) Fragmento 7

OI	The operation had left the right side of her mouth pulled up into a half-open smile that never moved.
TAGT	A operação deixou o lado direito da boca em um sorriso meio aberto que nunca se moveu.
TAPR	A operação tinha deixado o lado direito de sua boca repuxado num meio sorriso imóvel.
TH	A operação tinha deixado o lado direito de sua boca repuxado num meio sorriso imóvel.

Tabela 12: Análise do fragmento 7 do texto geral

Nota-se neste fragmento que houve uma omissão em relação ao adjetivo/ particípio passado *pulled up*, não transmitindo assim o sentido total da oração. Por isso, na pós-revisão, procurou-se corrigir isso, e o termo foi traduzido como **repuxado**, o mesmo acontecendo na tradução humana. Em uma análise morfossintática, ocorreu uma mudança do tempo verbal. Em inglês o tempo verbal é *past perfect (had left)*, enquanto em português o verbo ficou no *pretérito perfeito (deixou)*. Mais uma vez, foi precisa uma pós-revisão, por questões de clareza e naturalidade, na parte *into a half-open smile that never moved*, em que o GT traduziu como *em um sorriso meio aberto que nunca se moveu*. De certa forma, a tradução está exata, mas deixou de perceber que o verbo *moved*, no contexto, descreve uma condição permanente decorrente da cirurgia, um fato que exigiria que o verbo fosse traduzido pelo *pretérito imperfeito (movia)*. Tanto a proposta da pós-revisão quanto a TH, que serviu como parâmetro para o processo da pós-revisão, preferiram usar o adjetivo *imóvel*, que descreve tal condição inalterável do seu sorriso. Pode-se dizer que houve uma transposição na pós-revisão, segundo Barbosa (2004), “que consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir” (p. 66).

8) Fragmento 8

OI	The young woman and her husband looked deep into each other's eyes as they discussed the future.
TAGT	A jovem e o marido se entreolharam enquanto discutiam o futuro.
TAPR	A jovem e seu marido se entreolharam fixamente enquanto discutiam o futuro.
TH	A jovem e seu marido fitaram o fundo do olho um do outro ao discutirem o futuro.

Tabela 13: Análise do fragmento 8 do texto geral

Neste fragmento, é possível afirmar que, na parte onde foi traduzida **look deep into each other's eyes** como **se entrelharam**, houve um procedimento de equivalência, pois houve uma “substituição do segmento de texto original para um outro segmento do texto da língua de chegada, que não foi traduzido literalmente, mas é funcionalmente equivalente” (Barbosa, 2004, p. 67). Pode-se dizer também que, neste caso, houve uma reverbalização da frase, conforme a *théorie du sens* de Seleskovitch, fugindo de traduções mais bermanianas do GT até o momento, caracterizadas pela literalidade e fidelidade à letra. Segundo a hipótese do trabalho, conforme mencionado, o GT tende a seguir a linha bermaniana; então, foi de fato digno de nota presenciar a capacidade de um software para realizar uma reverbalização. Em uma análise semântica, é possível afirmar que o sentido total não foi mantido, pois faltou a tradução do adjetivo **deep**, que é essencial para o entendimento do contexto. como foi traduzido pelo GT, **se entrelharam** pode transmitir vários sentidos, tanto um olhar profundo quanto um olhar rápido e passageiro. Portanto, foi proposta uma pós-revisão para transmitir o sentido completo adicionando o advérbio de modo, **“fixamente”**. “A jovem e seu marido **se entrelharam fixamente** enquanto discutiam o futuro”. Também vale ressaltar a percepção contextual do GT ao traduzir o verbo **discussed** pelo *pretérito imperfeito*, que é o sentido mais claro do verbo no contexto, já que poderia ser traduzido igualmente pelo *pretérito perfeito*.

9) Fragmento 9

OI	When the surgeon came in, Tammy asked, “Will my mouth be always like this?” “Yes,” replied the doctor.
TAGT	Quando o cirurgião entrou, Tammy perguntou: “Minha boca será sempre assim?” “Sim”, respondeu o médico.
TAPR	Quando o cirurgião entrou, Tammy perguntou: “Minha boca será sempre assim?” “Sim”, respondeu o médico.
TH	Quando o cirurgião entrou, Tammy perguntou: “Minha boca será sempre assim?” “Sim”, respondeu o médico.

Tabela 14: Análise do fragmento 9 do texto geral

Neste fragmento, é possível afirmar que o GT manteve a mesma categoria numa mesma ordem sintática, segundo Barbosa, ou seja, houve o procedimento de tradução palavra-por-palavra. Já na frase *Will my mouth be always like this?*, que foi traduzida pelo GT como *Minha boca será sempre assim?*, pode-se dizer que houve um procedimento de tradução literal, conforme menciona Barbosa (2004), pois se manteve uma fidelidade semântica estrita, adequando, porém, a morfossintaxe às normas gramaticas do texto de chegada. O GT, portanto, não apresentou nenhum erro morfossintático nem semântico.

10) Fragmento 10

OI	"I am afraid it will. In order to remove the tumor I had to cut the nerves. They may never grow back."
TAGT	"Eu tenho medo que sim. Para remover o tumor, tive que cortar os nervos. Eles nunca podem voltar a crescer."
TAPR	"Receio que sim. Para remover o tumor, tive que cortar os nervos. Talvez nunca voltem a crescer."
TH	"Receio que será. Para remover o tumor tive de cortar os nervos. Talvez nunca voltem a crescer."

Tabela 15: Análise do fragmento 10 do texto geral

Neste fragmento, pode-se dizer que houve, na tradução do GT, um procedimento de omissão do pronome pessoal **eu**, que seria a tradução literal do **I** na frase **I had**. Ainda na frase **I am afraid it will [...] they may never grow back.**, em que o GT traduziu como **eu tenho medo que sim. [...] eles nunca podem voltar a crescer**, é possível afirmar que houve o procedimento da tradução literal. Ainda é possível afirmar que o GT não apresentou erro morfossintático nem semântico. Contudo, considerando a questão da naturalidade, ressaltada por Barnwell, a matéria prima dada pelo GT fornece uma tradução não tão idiomática e clara. Portanto, foi proposta a seguinte pós-revisão com base na tradução humana: **Receio que sim. [...] talvez nunca voltem a crescer**. A tradução da matéria prima do GT está exata, ou seja, ela transmite o significado da mensagem original, mas pareceu-nos melhor aprimorar a tradução para deixá-la mais natural e idiomática.

Por meio das análises feitas até esta altura, foi possível identificar a tendência bermaniana do Google Tradutor na maior parte do processo tradutório do texto geral; ou seja, houve fidelidade à letra, sem que a tradução perdesse sua exatidão e, em boa parte dos casos, sua clareza e naturalidade – aspectos fundamentais para uma tradução de qualidade. Portanto, é possível afirmar, por meio desta análise, que o Google tradutor forneceu uma matéria prima de qualidade em relação aos aspectos linguísticos, morfossintáticos e semânticos. Fez-se necessária a pós revisão apenas para realizar alguns ajustes no quesito da *naturalidade e clareza*, conforme os conceitos de Barnwell, o que permitiu que tivéssemos um produto final mais elegante, natural, claro e conciso. Além disso, chama a atenção o fato de o Google tradutor não só entender o contexto, mas também fornecer a tradução de acordo com ele. Por fim, os poucos exemplos citados já nos permitem vislumbrar as possibilidades de otimização de tempo no processo tradutório de texto geral por meio do uso da tradução automática.

5.3 ANÁLISE DO TEXTO TÉCNICO

Agora será apresentado o parágrafo escolhido do texto técnico em uma tabela dividida em: original em inglês, tradução automática (GT), Tradução automática do GT com pós-revisão e tradução humana. O texto completo está no Anexo 2 no fim do trabalho, com o objetivo de contextualizar os leitores, e foi retirado do livro *Reflections on Language* de Noam Chomsky e traduzido para o português sob o título *Reflexões sobre a Linguagem*. Em seguida, será apresentada a análise de cada frase da matéria prima do GT baseada em abordagens teóricas, procedimentos técnicos da tradução e categorias de análise linguístico-discursiva junto com uma possível pós-revisão.

5.3.1 Análise comparativa do excerto selecionado

Original em inglês	Tradução automática – GT	Tradução automática do Google Tradutor com pós-revisão	Tradução humana
In recent years, many of these issues, long dormant, have been revived, in part in connection with the study of language. ¹ There has been much discussion of the so-called “innateness hypothesis” ² , which holds that one of the faculties of the mind, common to the species, is a faculty of language that serves the two basic functions of rationalist theory: ³ it provides a sensory system for the preliminary analysis of linguistic data, and a schematism that determines, quite narrowly, a certain class of grammars. ⁴	Nos últimos anos, muitas dessas questões, há muito adormecidas, foram revividas, em parte em conexão com o estudo da linguagem. ¹ Tem havido muita discussão sobre a chamada “hipótese do inato”, ² que sustenta que uma das faculdades da mente, comum à espécie, é uma faculdade da linguagem que atende às duas funções básicas da teoria racionalista: ³ ela fornece uma sistema para a análise preliminar de dados linguísticos e um esquematismo que determina, de forma bastante restrita, uma certa classe de gramáticas. ⁴	Nos últimos anos, muitas dessas questões, por muito tempo adormecidas, foram trazidas de volta à ativa, em parte em conexão com o estudo da linguagem. ¹ Tem-se discutido muito sobre a chamada “hipótese do inatismo”, ² que sustenta que uma das faculdades da mente, comum à espécie, é uma faculdade da linguagem que cumpre com as duas funções básicas da teoria racionalista: ³ fornece um sistema sensorial para a análise preliminar de dados linguísticos e um conjunto de esquemas que determina, de modo muito preciso, uma certa classe de gramáticas. ⁴	Nos últimos anos, muitas dessas questões, por muito tempo adormecidas, foram novamente trazidas à baila, em parte em conexão com o estudo da linguagem. ¹ Tem-se discutido muito a chamada “hipótese do inatismo”, ² que coloca entre as faculdades da mente comuns à espécie, uma faculdade de linguagem que desempenha as duas funções básicas da teoria racionalista: ³ prevê um sistema sensorial para a análise preliminar dos dados linguísticos e um conjunto de esquemas que determina, de modo muito preciso, uma certa classe de gramáticas. ⁴

Tabela 16: Análise comparativa de texto técnico

1) Fragmento 1

OI	In recent years, many of these issues, long dormant, have been revived, in part in connection with the study of language.
TAGT	Nos últimos anos, muitas dessas questões, há muito adormecidas, foram revividas, em parte em conexão com o estudo da linguagem.
TAPR	Nos últimos anos, muitas dessas questões, por muito tempo adormecidas, foram trazidas de volta a ativa, em parte em conexão com o estudo da linguagem.
TH	Nos últimos anos, muitas dessas questões, por muito tempo adormecidas, foram novamente trazidas à baila, em parte em conexão com o estudo da linguagem.

Tabela 17: Análise do fragmento 1 do texto técnico

Analisando o original e a matéria prima deste fragmento, é possível afirmar que no processo tradutório da expressão **long dormant** para “**há muito adormecidas**”, houve o procedimento técnico de equivalência, conforme Barbosa, pois o advérbio **long** foi substituído, pelo GT, pelo seu equivalente **há muito** em português, fugindo assim da tradução literal. Isso revela que o software do GT consegue perceber o contexto e oferecer uma opção bem natural ou idiomática. Semanticamente falando, o GT não apresentou nenhum erro, ou seja, a tradução está exata; porém, a matéria prima fornecida por ele (há muito adormecidas) soou arcaica, por esse motivo, segue uma proposta da pós-revisão: “**por muito tempo adormecidas**”, que ficou atual e mais clara no sentido de transmitir a ideia de duração. Além disso, pode-se dizer que na locução verbal *have been revived* (foram revividas), houve uma tradução literal. Analisando morfossintaticamente, o GT fez uma mudança de tempo verbal. Percebe-se que em inglês o verbo (*have been revived*) está no *present perfect*, enquanto o verbo fornecido pela matéria prima (foram revividas) está no pretérito perfeito. Porém, o verbo no pretérito perfeito ficou melhor do que no pretérito perfeito composto, que seria uma equivalência literal do tempo verbal do *present perfect* (têm sido revividas). Semanticamente falando, a tradução está exata, mas para uma melhor compreensão do texto, na pós-revisão propôs-se o seguinte maneira: **foram trazidas de volta à ativa**. Nessa parte da pós-revisão, é possível afirmar que foi deixada de lado a abordagem teórica bermaniana, ou seja, fidelidade à letra e foi aplicada a abordagem teórica seleskovitchiana, ou seja, optou-se por uma reverbalização, a fim de obter um texto mais natural na língua de chegada, evitando que o texto fique com “cara de tradução”.

A matéria prima fornecida pelo GT na tradução da frase **in part in connection with the study of language**” (**em parte em conexão com o estudo da linguagem**), representou muito literal, praticamente palavra-por-palavra. Em uma análise morfossintática, o GT manteve a mesma categoria e a mesma ordem sintática. Percebe-se que, tanto na matéria prima do GT quanto na tradução humana, houve a tradução palavra-por-palavra. Portanto, com base na triangulação de dados, a revisão ficou do mesmo modo. Semanticamente falando, o sentido foi transmitido com exatidão e clareza.

2) Fragmento 2

OI	There has been much discussion of the so-called “innateness hypothesis,”
TAGT	Tem havido muita discussão sobre a chamada “hipótese do inato”
TAPR	Tem-se discutido muito sobre a chamada “hipótese do inatismo”
TH	Tem-se discutido muito a chamada “hipótese do inatismo”

Tabela 18: Análise do fragmento 2 do texto técnico

Neste fragmento, percebe-se que houve uma tradução literal por parte do GT, mas exata e clara. Ela parece falhar, no entanto, em termos de naturalidade, já que **tem havido muita discussão** não soa muito idiomático; foi por essa razão que a tradução humana optou pela frase **tem-se discutido muito**, recorrendo assim ao procedimento técnico de transposição, ou seja, houve uma mudança gramatical, pois o substantivo **discussion** tornou-se o verbo **discutido**. Na pós-revisão, preferimos nos pautar pela tradução humana. A segunda parte do trecho (**so-called ‘innateness hypothesis’**) foi traduzida pelo GT como **a chamada ‘hipótese do inato’**. Aí houve o uso do procedimento técnico de transposição, que consiste na mudança de categoria gramatical de elementos do segmento a traduzir – o substantivo **innateness** tornou-se o adjetivo **inato**. Numa análise semântica, é possível afirmar que a matéria prima do GT não conseguiu transmitir o mesmo sentido do original por não carregar o sentido de uma teoria linguística conforme apresentada no texto original. Nesse ponto, vemos, pelo menos nesse caso, uma dificuldade do GT para lidar com termos técnicos de áreas específicas. Portanto, a pós-revisão foi a seguinte: **tem-se discutido muito sobre a chamada ‘hipótese do inatismo’**, tendo como base a tradução humana.

3) Fragmento 3

OI	[...] which holds that one of the faculties of the mind, common to the species, is a faculty of language that serves the two basic functions of rationalist theory:
TAGT	[...] que sustenta que uma das faculdades da mente, comum à espécie, é uma faculdade da linguagem que atende às duas funções básicas da teoria racionalista:
TAPR	[...] que sustenta que uma das faculdades da mente, comum à espécie, é uma faculdade da linguagem que cumpre com as duas funções básicas da teoria racionalista:
TH	[...] que coloca entre as faculdades da mente comuns à espécie, uma faculdade de linguagem que desempenha as duas funções básicas da teoria racionalista:

Tabela 19: Análise do fragmento 3 do texto técnico

Nesse fragmento, pode-se dizer que houve o procedimento técnico de tradução palavra-por-palavra. Vale ressaltar que o GT, do ponto de vista gramatical, foi capaz de acertar, duas vezes, o acento grave indicador de crase. No primeiro caso (à espécie), traduzindo a preposição **to** + artigo definido **the** do original. No segundo caso, não houve a presença de preposição no original, pois o verbo usado foi **to serve**, um verbo transitivo direto. O GT, no entanto, optou por usar outro verbo equivalente (**atender**), que pode ser transitivo indireto regendo a preposição “a”; daí a presença da crase em **às duas funções**. A tradução humana desse trecho foi bastante seleskovitchiana, ou seja, reverbalizada/explicativa. Portanto, foi proposta uma pós-revisão com base na fidelidade à letra, segundo os postulados bermanianos, evitando o uso de circunlóquios. O verbo **serves** em inglês foi traduzido de várias formas: “**atende**” (matéria prima do GT), “**desempenha**” (tradução humana) e “**cumprir com**” (tradução pós-revisada). Tratou-se aqui de opções lexicais e estilísticas, pois as três traduções são possíveis, sem que o texto perca sua exatidão, clareza e naturalidade.

4) Fragmento 4

OI	It provides a sensory system for the preliminary analysis of linguistic data, and a schematism that determines, quite narrowly, a certain class of grammars.
TAGT	Ela fornece uma sistema para a análise preliminar de dados linguísticos e um esquematismo que determina, de forma bastante restrita, uma certa classe de gramáticas.
TAPR	Fornecer um sistema sensorial para a análise preliminar de dados linguísticos e um conjunto de esquemas que determina, de modo muito preciso, uma certa classe de gramáticas.
TH	prevê um sistema sensorial para a análise preliminar dos dados linguísticos e um conjunto de esquemas que determina, de modo muito preciso, uma certa classe de gramáticas.

Tabela 20: Análise do fragmento 4 do texto técnico

Percebe-se, neste fragmento, que o GT fez uma tradução bastante literal, mas respeitando ao mesmo tempo a sintaxe da língua portuguesa, especialmente no que diz respeito aos grupos nominais, que o GT pareceu mostrar domínio, com exceção do grupo nominal **sensory system**, em que o GT omitiu a palavra **sensorial**, tradução do termo **sensory**. É digno de nota também o fato de que o GT corretamente fez uso de uma transposição de advérbio, traduzindo **quite narrowly** por **de modo muito preciso**, evitando o sufixo “mente”.

O verbo **provides** no original foi traduzido como **fornece** na matéria prima do GT e **prevê** na tradução humana. Do ponto de vista semântico, a tradução do GT parece estar mais de acordo com a acepção da palavra **provide** (suprir, proporcionar, fornecer), e nesse caso podemos dizer que se tratou de uma tradução mais bermaniana. A tradução

humana, no entanto, talvez por não achar essa opção natural, optou pelo verbo **prevê**, fugindo assim do sentido literal do verbo **provide**, mas apresentando um equivalente mais idiomático. Outra possível razão foi que o tradutor, levando em conta que o pronome **it** se refere à “hipótese do inatismo”, preferiu optar pelo verbo **prever**, talvez por ele mesmo (o tradutor) não crer nessa teoria; e por não crer nela, talvez tenha escolhido usar um termo mais neutro, hipotético, pois **prever** não é o mesmo que **fornecer**. Se esta análise estiver correta, pode-se concluir que houve, do ponto de vista da teoria deformadora de Berman, um *empobrecimento qualitativo*, já que o tradutor substituiu um termo por outro, que mais parece refletir suas ideias preconcebidas do que a intenção do autor ao usar o significante **provide**.

Do ponto de vista gramatical, o GT errou ao usar o artigo indefinido feminino **uma** em vez do masculino **um**, já que o substantivo que o acompanha está no masculino. Portanto, segue a pós-revisão: **fornece um sistema sensorial**.

Através da análise do texto técnico, foi possível perceber mais uma vez a eficiência do GT de oferecer uma boa matéria prima em geral. Houve ocasião em que se fez necessário seguir a sugestão do GT porque o sentido já estava claro e conciso, em outras palavras, não se fez necessária uma explicação adicional. Por outro lado, houve ocasião em que se fez necessário seguir o parâmetro da tradução humana, e, por fim, houve momento em que não se fez essencial se basear nem no parâmetro da tradução humana nem no do GT, cabendo ao pós-revisor julgar a melhor maneira de transmitir o sentido do texto original. É indiscutível a eficácia do GT no processo tradutório do texto técnico; porém, houve algumas alterações devido à época em que foi escrito. Sendo assim, foi necessário atualizar a linguagem do texto. Em suma, um pós-revisor deve estar atento aos termos, principalmente quando se trata de textos técnicos onde se encontram vários termos de uma área específica. Em outras palavras, requer esforço, pesquisa e mais atenção ao traduzir e revisar tais textos.

5.4 ANÁLISE DO TEXTO LITERÁRIO

Agora será apresentado o parágrafo escolhido do texto literário em uma tabela dividida em: original em inglês, tradução automática (GT), Tradução automática do GT com pós-revisão e Tradução humana. O texto completo está no Anexo 3 no fim do trabalho, com o objetivo de contextualizar os leitores, e foi retirado do livro *To Kill a Mockingbird* de Harper Lee, capítulo 10, traduzido para o português sob o título *O Sol é para Todos*. Em seguida, será apresentada a análise de cada frase da matéria prima do GT baseada em abordagens teóricas, procedimentos técnicos da tradução e categorias de análise linguístico-discursiva junto com uma possível pós-revisão.

5.4.1 Análise comparativa do excerto selecionado

Original em inglês	Tradução automática – GT	Tradução automática do Google Tradutor com pós-revisão	Tradução humana
<p>Atticus said to Jem one day, “I’d rather you shot at tin cans in the back yard, but I know you’ll go after birds.¹ Shoot all the bluejays you want, if you can hit ‘em, but remember it’s a sin to kill a mockingbird.”² That was the only time I ever heard Atticus say it was a sin to do something, and I asked Miss Maudie about it.³ “Your father’s right,” she said.⁴ “Mockingbirds don’t do one thing but make music for us to enjoy.⁵ They don’t eat up people’s gardens, don’t nest in corncribs, they don’t do one thing but sing their hearts out for us.⁶ That’s why it’s a sin to kill a mockingbird.”⁷</p>	<p>Atticus disse a Jem um dia: “Prefiro que você atire em latas no quintal, mas sei que você vai atrás de pássaros.¹ Atire em todos os gaios-azuis que quiser, se puder acertá-los, mas lembre-se que é pecado matar um mockingbird.”² Foi a única vez que ouvi Atticus dizer que fazer algo era pecado, e perguntei à srta. Maudie a respeito.³ “Seu pai está certo”, disse ela.⁴ “Mockingbirds não fazem uma coisa, mas fazem música para nós desfrutarmos.⁵ Eles não comem os jardins das pessoas, não fazem ninhos de milho, eles não fazem nada a não ser cantar por nós.⁶ É por isso que é pecado matar um mockingbird.»⁷</p>	<p>Um dia, Atticus disse a Jem: “Preferia que atirasse em latas no quintal, mas sei que você vai andar atrás de pássaros.¹ Pode atirar em todos os gaios-azuis que quiser, se puder acertá-los, mas lembre-se que é pecado matar uma cotovia.”² Foi a única vez que ouvi Atticus dizer que era pecado fazer alguma coisa e perguntei à srta. Maudie a respeito.³ “Seu pai tem razão”, disse ela.⁴ “As cotovias não fazem nada a não ser cantar belas melodias para nos alegrar.⁵ Não devoram os jardins das pessoas, não fazem ninhos nos espigueiros e não fazem nada a não ser cantar de todo o coração para nós.⁶ É por isso que é pecado matar uma cotovia.”⁷</p>	<p>o Atticus virou-se para o Jem e disse: — Preferia que ficasse dando tiros em latas no quintal, mas sei que vai andar atrás dos pássaros.¹ Pode matar todos os gaios-azuis que encontrar, isto se conseguir acertar, mas lembre-se que é pecado matar uma cotovia.”² Foi a única vez que ouvi o Atticus dizer que era pecado fazer alguma coisa e questionei a Srta. Maudie sobre o assunto.³ — O teu pai tem razão — disse ela.⁴ — As cotovias não fazem nada a não ser cantar belas melodias para nós.⁵ Não estragam os jardins das pessoas, não fazem ninhos nos espigueiros, só sabem cantar com todo o sentimento para nós.⁶ É por isso que é pecado matar uma cotovia.⁷</p>

Tabela 21: Análise comparativa de texto literário

1) Fragmento 1

OI	Atticus said to Jem one day, “I’d rather you shot at tin cans in the back yard, but I know you’ll go after birds.”
TAGT	Atticus disse a Jem um dia: “Prefiro que você atire em latas no quintal, mas sei que você vai atrás de pássaros.”
TAPR	Um dia, Atticus disse a Jem: “Preferia que atirasse em latas no quintal, mas sei que você vai andar atrás de pássaros.”
TH	o Atticus virou-se para o Jem e disse: — Preferia que ficasse dando tiros em latas no quintal, mas sei que vai andar atrás dos pássaros.

Tabela 22: Análise do fragmento 1 do texto literário

Percebe-se neste fragmento que houve um procedimento técnico de tradução literal. A tradução passa no crivo dos critérios de qualidade de Barnwell, pois ficou exata, clara e natural. O GT traduziu a frase **I'd rather you shot at tin cans** como **Prefiro que você atire em latas**. De acordo com o livro, Atticus é retratado como uma pessoa muito educada com todos, ou seja, fala de forma educada, e o GT não captou essa característica do personagem. É possível perceber aqui uma limitação do GT no que diz respeito a aspectos pragmático-discursivos, ou seja, aqueles relacionados com questões contextuais e extralinguísticas. Nesse caso, ele não entendeu a intenção comunicativa, ou seja, como cada personagem atua. O verbo **preferia** nos soa mais educado, como se ele estivesse pedindo algo; por outro lado, o verbo **prefiro** (presente do indicativo) soa mais direto, como se ele estivesse “mandando”. Portanto, conhecendo a característica do personagem, que Atticus solicitaria ao invés de mandar que os filhos fizessem algo, a pós-revisão optou pelo pretérito imperfeito do indicativo do verbo **preferir**, que, por sua vez, exige um complemento verbal no pretérito imperfeito do subjuntivo. Com base nessas considerações, e levando ainda em conta que a própria estrutura inglesa **would rather** é por si só atenuante, a tradução, então, ficou da seguinte maneira: **Preferia que atirasse em latas**. Seguiu-se, nesse caso, o parâmetro da tradução humana a fim de manter a intenção do autor de manter essa imagem de caráter cortês de Atticus.

A matéria prima fornecida pelo GT da frase **but I know you'll go after birds** foi **mas sei que você vai atrás de pássaros**. Morfossintaticamente falando, o GT fez uma mudança de tempo verbal. Percebe-se que em inglês o verbo **will go after** está no futuro do presente, já na matéria prima fornecida pelo GT, o verbo **vai atrás** está no presente do indicativo. Porém, o verbo traduzido pelo GT dá a entender que se trata de um hábito do personagem de ir sempre atrás dos pássaros, e para evitar essa ambiguidade do sentido, a pós-revisão ficou da seguinte maneira, baseada no parâmetro da tradução humana: **mas sei que você vai andar atrás de pássaros**.

2) Fragmento 2

OI	Shoot all the bluejays you want, if you can hit 'em, but remember it's a sin to kill a mockingbird."
TAGT	Atire em todos os gaios-azuis que quiser, se puder acertá-los, mas lembre-se que é pecado matar um mockingbird
TAPR	Pode atirar em todos os gaios-azuis que quiser, se puder acertá-los, mas lembre-se que é pecado matar uma cotovia."
TH	Pode matar todos os gaios-azuis que encontrar, isto se conseguir acertar, mas lembre-se que é pecado matar uma cotovia."

Tabela 23: Análise do fragmento 2 do texto literário

Neste fragmento o GT fez uma tradução literal, com exceção da palavra **mockingbird**, em que houve um empréstimo. Como o personagem não está dando uma ordem (Atire!) e sim uma sugestão, a pós-revisão ficou da seguinte forma: **Pode atirar em todos os gaios-azuis que quiser**. Assim, manteve-se a estrutura verbal da tradução humana (pode + verbo no infinitivo), mas sem deixar de usar o verbo sugerido pelo GT, **atirar**.

Na segunda parte da frase, **but remember it's a sin to kill a mockingbird**, não houve a tradução do termo **mockingbird**; em outras palavras, o GT não foi muito eficiente ao buscar uma equivalência extralinguística, optando por um empréstimo. Segundo o *Cambridge Dictionary*, a palavra **mockingbird** significa “any of various types of North American or Australian birds that copy the sounds made by other birds” (qualquer tipo de pássaros norte-americanos ou australianos que imitam os sons de outros pássaros - tradução nossa). Existe um pássaro com características semelhantes às do **mockingbird**. Trata-se do tordo-dos-remédios, um pássaro conhecido por imitar o canto dos outros pássaros. Porém, uma vez que não se trata de um texto técnico e sim literário, foi necessário recorrer a uma adaptação, traduzindo o nome da ave por um pássaro mais conhecido pelos falantes da língua alvo. A adaptação, segundo Barbosa (2004), é o limite extremo da tradução e é usada quando a realidade mencionada pela língua fonte não tem paralelo na realidade extralinguística dos falantes da língua alvo. Por esta razão, optou-se por empregar o termo **cotovia**.

3) Fragmento 3

OI	That was the only time I ever heard Atticus say it was a sin to do something, and I asked Miss Maudie about it.
TAGT	Foi a única vez que ouvi Atticus dizer que fazer algo era pecado, e perguntei à srta. Maudie a respeito.
TAPR	Foi a única vez que ouvi Atticus dizer que era pecado fazer alguma coisa e perguntei à srta. Maudie a respeito.
TH	Foi a única vez que ouvi o Atticus dizer que era pecado fazer alguma coisa e questionei a Srta. Maudie sobre o assunto.

Tabela 24: Análise do fragmento 3 do texto literário

Neste fragmento, é possível perceber que GT, acertadamente, recorreu ao procedimento de *omissão* ao suprimir o pronome pessoal *eu* na frase **Foi a única vez que ouvi**, evitando assim o uso de termos desnecessários na língua alvo, a saber, o pronome pessoal, já implícito na desinência verbal. A outra parte da frase, **it was a sin to do something**, foi traduzida pelo GT pela frase **que fazer algo era pecado**. Morfossintaticamente falando, o GT deixou a frase em ordem natural (sujeito+verbo+predicativo do sujeito). Isso não seria um procedimento esperado de uma “máquina de tradução”, por duas razões: 1) a tradução literal (**era pecado fazer alguma coisa**) seria a mais lógica e 2) é normal em português, nesses casos, fazer essa inversão em vez da ordem direta (ex.: ‘era importante ir lá’ em

vez de “ir lá era importante”). Nessa perspectiva, apesar de a tradução do GT não ser a mais natural, ou idiomática – e tanto é verdade que a pós-revisão e a tradução humana optaram pela ordem inversa – não podemos negar este ponto: o GT possui uma inteligência artificial que nos surpreende, a ponto de oferecer opções tradutórias inesperadas onde uma tradução literal seria a mais esperada. Ademais, isso revela a “sensibilidade” sintática do GT, pois usou uma ordem de palavras oposta à do original. Isso nos remete ao que Isa Mara Lando ressaltou em seu testemunho sobre o GT:

[Ele] é um “suco depurado” do cérebro de centenas de pessoas que já trabalharam para refinar esse *software* até chegar a esse ponto, incluindo linguistas, psicólogos, programadores, etc. Então, eu discordo dessa palavra “máquina” [...]; não é uma máquina, é um *software*, um programa feito por gente. Eu estou usando simplesmente o cérebro de outras pessoas para fazer isso (ver p. 20 desta pesquisa).

4) Fragmento 4

OI	“Your father’s right,” she said.
TAGT	“Seu pai está certo”, disse ela.
TAPR	“Seu pai tem razão”, disse ela.
TH	— O teu pai tem razão — disse ela.

Tabela 25: Análise do fragmento 4 do texto literário

Neste fragmento, percebe-se que houve uma tradução literal, “em que se mantém uma fidelidade semântica escrita, adequando, porém, a morfossintaxe às normas gramaticas da LT”, conforme afirma Aubert (1987 *apud* BARBOSA, p. 65). É ainda possível perceber que o GT, ao traduzir esse fragmento, foi bastante fiel à letra mantendo a questão semântica, mas, por uma questão estilística, a pós-revisão ficou assim: “**Seu pai tem razão**”, disse ela”, o mesmo ocorrendo na tradução humana.

5) Fragmento 5

OI	Mockingbirds don’t do one thing but make music for us to enjoy.
TAGT	Mockingbirds não fazem uma coisa, mas fazem música para nós desfrutarmos
TAPR	As cotovias não fazem nada a não ser cantar belas melodias para nos alegrar.
TH	As cotovias não fazem nada a não ser cantar belas melodias para nós.

Tabela 26: Análise do fragmento 5 do texto literário

Neste fragmento, é possível afirmar que houve uma tradução palavra-por-palavra. Fica evidente que o GT não compreendeu a frase **don’t do one thing but make music**, por sinal uma estrutura idiomática em língua inglesa passível de ser mal interpretada até por tradutores inexperientes que desconheçam os diferentes usos de **but**, que, nesse

caso, não é uma conjunção adversativa (que foi a interpretação do GT), mas um advérbio com o sentido de ‘somente, meramente, apenas’. Em outras palavras, numa tradução mais seleskovitchiana/reverbalizada, poderíamos traduzir assim: **A única coisa que as cotovias fazem é cantar melodias para nos alegrar**. De qualquer forma, na pós-revisão seguimos o parâmetro da tradução humana, que respeitou mais a estrutura linguística do original, sendo, assim, mais bermaniana.

6) Fragmento 6

OI	They don't eat up people's gardens, don't nest in corncribs, they don't do one thing but sing their hearts out for us.
TAGT	Eles não comem os jardins das pessoas, não fazem ninhos de milho, eles não fazem nada a não ser cantar por nós.
TAPR	Não devoram os jardins das pessoas, não fazem ninhos nos espigueiros e não fazem nada a não ser cantar de todo o coração para nós.
TH	Não estragam os jardins das pessoas, não fazem ninhos nos espigueiros, só sabem cantar com todo o sentimento para nós.

Tabela 27: Análise do fragmento 6 do texto literário

No geral, pode-se dizer que houve uma tradução literal, com a presença do procedimento técnico de omissão, pois alguns sujeitos foram suprimidos na tradução para o português, o que é bastante comum. Analisando em partes, o GT foi bastante fiel ao traduzir o verbo **eat up** por **comem**, ou seja, transmitiu o sentido denotativo, mas não transmitiu o sentido completo veiculado pelo *frasal verb eat up* (comer tudo, estragar, devorar), ou seja, faltou o sentido conotativo e negativo, sendo assim, foi escolhido o verbo **devoram**.

Percebe-se que ao traduzir a frase **[they] don't nest in corncribs**, o GT, do ponto de vista semântico, não interpretou corretamente a palavra **corncribs**, que significa **espigueiros**, traduzindo-a como **ninhos de milho**. Assim sendo, a pós-revisão desse trecho ficou da seguinte forma: **não fazem ninhos nos espigueiros**, com base no parâmetro da tradução humana.

Na segunda parte do fragmento, o GT traduziu corretamente a frase **they don't do one thing but sing their hearts out for us**, ao contrário do que fizera no fragmento anterior, em a frase também aparece. Percebe-se aqui, então, que o GT não tem um padrão, mas, sim, depende de quais palavras antecedem ou sucedem o fragmento a ser traduzido, o que mais uma vez nos remete ao pensamento de Isa Mara Lando de que não estamos lindando simplesmente como uma “máquina de tradução”. Além disso, ao traduzir a expressão **sing their hearts out for us**, o GT traduziu simplesmente **cantar por nós**, ocorrendo aí, então, uma omissão. O que à primeira vista parece uma incorreção do GT pode ser interpretado como uma “sacada inteligente” do programa. Diante da falta de recursos do programa, ou por não ter encontrado em seu banco de dados algo que pudesse transmitir a ideia

da expressão inglesa **sing out one's heart** (cantar de todo o coração) – muito idiomática por sinal –, o *software*, que poderia ter feito uma tradução mecânica que pudesse soar estranha em português, forneceu uma opção simplificada correta, sem contudo transmitir a poeticidade do original. Isso nos mostra como é importante a interação do tradutor humano com a tradução automática no sentido de perceber essas nuances de significado não percebidas pelo GT.

7) Fragmento 7

OI	That's why it's a sin to kill a mockingbird.
TAGT	É por isso que é pecado matar um mockingbird.
TAPR	É por isso que é pecado matar uma cotovia.
TH	É por isso que é pecado matar uma cotovia.

Tabela 28: Análise do fragmento 7 do texto literário

Este fragmento já foi comentado na análise do fragmento 2. Basta dizer aqui que o GT seguiu bem de perto a estrutura sintática do original, ao contrário do que fez no fragmento 3, em que ele preferiu fazer uma inversão: **it was a sin to do something** foi traduzido como **fazer algo era pecado**. Isso ressalta mais uma vez o fato de que o GT não opera de forma mecânica ou padronizada.

Por meio da análise do texto literário, foi possível perceber que o GT apresentou dificuldade ao captar contexto cultural, a intenção do autor e a característica do personagem. O GT apresentou uma boa matéria prima; porém, uma vez que se trata de um texto literário, faz-se necessário um conhecimento extralinguístico e pragmático no processo tradutório. Portanto, percebe-se a importância de uma pós-revisão cautelosa a fim de transmitir o sentido do contexto, da intenção e da característica do personagem, ou seja, a questão pragmática. É possível perceber que, neste gênero textual, houve uma necessidade maior das análises semânticas e pragmático-discursivas do que análises morfossintáticas. Além disso, foi necessária uma atenção maior na questão estilística devido à característica do gênero textual. O tempo da pós-revisão do texto literário estendeu-se devido à complexidade desse gênero textual e à atenção que ele requer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo avaliar a eficácia da tradução automática do Google Tradutor (GT) em três diferentes gêneros textuais por meio de uma investigação linguístico-discursiva da “matéria prima” por ele fornecida e assim mostrar a importância da interação que deve existir entre o tradutor humano e a tradução automática e a importância do processo de pós-edição.

A hipótese para este trabalho foi a de que, através de uma análise comparativa de diferentes gêneros textuais, geral, técnico e literário, a TA estaria fornecendo uma “matéria prima” cada vez mais eficiente, dependendo, contudo, do gênero textual. Foi possível validar a hipótese proposta de que o GT demonstraria a eficiência ao lidar com os aspectos contextuais (análise morfológica e sintática) e que teria mais dificuldade nos aspectos extratextuais (análise semântica e pragmática). Assim, foi possível observar que o GT se mostra efetivo ao lidar com o texto geral, permitindo assim uma otimização do tempo no processo de pós-revisão. Ao lidar mais especificamente com o texto técnico, apresentou imprecisões traduzir termos técnicos de uma área específica, mas, no geral, o GT demonstrou sua eficácia. Por fim, ao lidar com o texto literário, é possível afirmar que se fez necessária uma pós-edição mais elaborada devido à complexidade desse gênero textual e à atenção que ele requer, ou seja, a questão pragmática envolvendo o contexto cultural, a intenção do autor e as características dos personagens.

Estamos cientes das limitações desta pesquisa devido a um número reduzido de fragmentos analisados e à delimitação que o espaço nos impôs de analisar apenas três gêneros e alguns excertos representativos. cremos, contudo, que a abordagem foi suficiente para mostrar as possibilidades e limitações da tradução automática, bem como incentivar pesquisas futuras em relação ao aprofundamento da pesquisa na área da tradução automática e da inteligência artificial. Essas pesquisas podem envolver, entre muitos outros, os seguintes aspectos: análise de tradução humana usando o GT como parâmetro, ou seja, uma inversão da análise apresentada neste trabalho; análise de texto poético e patentes, que possivelmente exigirão mais tempo e esforço no processo de pós-revisão; análise comparativa entre a matéria prima do GT e a de outros programas de tradução automática; exploração de apenas um gênero específico a fim de analisar com maior profundidade a eficácia do GT em tal gênero.

Tendo concluído esta pesquisa, que, particularmente, trouxe grande satisfação e enriquecimento teórico e profissional aos pesquisadores, podemos afirmar, como nossas palavras finais, que o GT, de modo geral, otimiza o tempo da digitação e fornece uma boa matéria prima que facilita o processo de pós-revisão de um tradutor. Através deste trabalho, foi possível observar que, na maioria das vezes, a pós-revisão exigiu apenas a questão estilística/idiomática a fim de obter um texto mais elegante, o que aconteceu na análise de texto geral e técnico. Quanto ao papel do tradutor, constatamos que ele deve ter uma

atitude mais participativa e interativa com a tradução automática, ora renunciando o seu papel de produtor e criador textual, assumindo assim o de revisor, ora assumindo seu papel de tradutor, corrigindo e se impondo em relação à TA. Percebemos também a importância da pós-edição de uma tradução automática e a atitude de flexibilidade por parte do tradutor no uso de diferentes abordagens teóricas à tradução de acordo com o contexto tradutório.

Em outras palavras, o tradutor precisa ter um equilíbrio entre as duas linhas teóricas de tradução adotadas neste trabalho. Haverá momentos em que o tradutor terá que *desverbalizar* e *reverbalizar*, de acordo com a teoria seleskovitchiana, e momentos em que o tradutor terá que ser fiel à letra a fim de obter o sentido. A escolha do tradutor sobre qual teoria aplicar no texto dependerá do contexto tradutório, como por exemplo, com que gênero textual se está lidando. Esse processo certamente exige do tradutor um bom “jogo de cintura”, visto que terá que ser flexível, aberto a sugestões de softwares – às vezes melhores que as suas –, mas ao mesmo tempo sem renunciar ao seu papel de tradutor e árbitro final de sua tradução. A expectativa, portanto, é que, através deste trabalho, os profissionais da tradução não desmereçam a eficiência da tradução automática, nem depositem total confiança nela.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO et al. A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo. EnEPQ, 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ5.pdf>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

BERMAN, Antoine. A Prova do Estrangeiro: Cultura e tradução na Alemanha romântica. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

BERMAN, Antoine. A tradução e a letra. 1.ed. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro Editora Ltda, 2007

BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. 1.ed. Éditions Trans-Europ-Repress, 1985.

BARBOSA, H. **Procedimentos técnicos da tradução**: Uma nova proposta. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 2004.

BARNWELL, Katharine. **Tradução Bíblica**: um curso introdutório aos princípios básicos da tradução. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BLOMMAERT, Jan; COLLINS, James; SLEMBROUCK, Stef. 2005. Spaces of multilingualism. *Language & Communication*, n. 25, p. 197-216.

CARVALHO, Carolina Alfaro de; DIAS, Maria Carmelita Padua. Tradução Automática: Uma Ferramenta de Auxílio ao Tradutor. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 3, p. 369-390, jan. 1998. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5392/4936>>. Acesso em: 28 set. 2020.

CASELI, H. Tradução automática: estratégias e limitações. *Domínios da linguagem*, UFSCar, v.11 n.5, p. 1782-1796, 2017.

CHOMSKY, N Reflections on language. 1 ed. Boston: Random house, 1975.

CHOMSKY, N. Reflexões sobre a linguagem. Tradução de Carlos Vogt et al. São Paulo: Cultrix, 1980.

CRYSTAL, David- *A first dictionary of linguistics and phonetics*. André Deustch, Londres, 1980. p. 390

DENZIN, N., & LINCOLN, Y. (2000) *Handbook of qualitative research*. (2a ed). Thousand Oaks: Sage.

DIAS, F. Estudo da linguagem no contexto do seu uso na comunicação. **Educa mais Brasil**, 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/pragmatica>. Acesso em: 02 de junho de 2020.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. “**Análise Sintática e Análise Morfológica**”; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/analise-sintatica-analise-morfologica.htm>. Acesso em 02 de junho de 2020.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. “**Semântica**”; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/portugues/a-semantica.htm>. Acesso em 03 de junho de 2020.

FERREIRA, Eduardo. Antoine Berman e a tradução da letra. Em: < <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/antoine-berman-e-a-traducao-da-letra/#exlibris>> Acesso em: 27 de set de 2020.

FONSECA, Denyse Lage. “**Pragmática**”; Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/linguistica/pragmatica/>. Acesso em 11 de junho de 2020.

FRAGA, Renê. Google introduz nova AI para lidar com viés de gênero em traduções. **Google Discovery**, 2020. Disponível em: <<https://googlediscovery.com/2020/04/23/google-introduz-nova-ai-para-lidar-com-vies-de-genero-em-traducoes/>> Acesso em: 23 de abr. de 2020.

FREIRE, E. Teoria Interpretativa da Tradução e teoria dos modelos dos esforços na Interpretação: Proposições fundamentais e inter-relações. *Cadernos de tradução*, PUC-SP, v. 2, n. 22, p. 152-174, fev de 2009.

HIGA, Paulo. As traduções do google tradutor estão quase chegando a um nível humano. **Tecnoblog**, 2016. Disponível em: <<https://www1.tecnoblog.net/2016/google-tradutor-neural/>>.

HUTCHINS, J. **Yehoshua Bar-Hillel**: a philosopher’s contribution to machine translation. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

JOTA, Z. D. S. **Dicionário de lingüística**. 2ª edição. p. 295, 300, 302. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

LANA, Daniel; OLIVEIRA, Diego. **Interpretações no UFC: Análises e abordagens na área da interpretação esportiva**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso- Curso de Tradutor e intérprete do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, 2019.

LANDO, Isa Mara. **Vocabulando: vocabulário prático inglês-português**. 2. ed. São Paulo; DISAL, 2015.

LEE, H. *O sol é para todos*. Tradução de Maria Aparecida Moraes Rego. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

LEE, H. *To kill a mockingbird*. 1a ed. Alabama: J.B. Lippincott& Co, 11 de jul de 1960.

LEDERER, M & SELESKOVITCH, D. “The Interpretation Process”. In: *A Systematic Approach to Teaching Interpretation*. Paris: European Communities, 1989, p. 21-26.

LIMA, N. O princípio cognitivo da tradução. **Anais Eletrônicos do 2º CIELLI**, 13-15 de junho de 2012. UEM, Maringá.

LIMA, Neumar. **Desconstruindo e Reconstruindo Conhecimentos Pedagógicos: uma experiência de formação/transformação em serviço**. 2002. 153 folhas. Mestrado em Linguística Aplicada. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo - SP.

LIMA, Neumar. **O pêndulo dos estudos linguísticos: da dicotomia do estruturalismo à integração língua/fala da análise do discurso**. Trabalho de conclusão da disciplina Retrospectiva dos Estudos Linguísticos do curso de Mestrado em Linguística Aplicada. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1998.

MALEVINI, G; NOGUEIRA, I. Machine Translation: a fast development, a slow internalization. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

MATEUS, M. H. M. **Tradução automática: um pouco de história**. Engenharia da Linguagem. Lisboa: Edições Colibri, 1995.

- MCMILLAN, Len. The three faces of love, Dialogue, Bakersfield, v. 8, n. 2, 1996, p.5-7, 1996.
- MOCKINGBIRD, In: Cambridge dictionary. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. Disponível em: < <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/mockingbird>> Acesso em: 14/09/2020.
- ORLANDI, Eni. A Análise do Discurso: algumas observações. In: D.E.L.T.A., vol.2, nº 1, 1986, p.48.
- PAGURA, R.. A Interpretação de Conferências: Interfaces com a Tradução Escrita e Implicações para a Formação de Intérpretes e Tradutores. In: **D.E.L.T.A.**, 19: ESPECIAL, p. 209-236. São Paulo: PUC-SP – LAEL, 2003.
- PAGURA, R. **A teoria interpretativa da tradução (t orie du sens) revisitada**: um novo olhar sobre a desverbaliza o. TradTerm, São Paulo, v.19, novembro/2012, p. 92-108.
- PAGURA, R. A Tradutologia. Material de classe do Curso de Tradutor e Intérprete da Alumni de São Paulo, 2004.
- PEI, Mario – *Glossary of linguistic terminology*. Nova Iorque, Columbia University, 1966. p. 299.
- PEREIRA, L. **Da Tradu o Automática   Tradu o Manual**: Estudo Contrastivo da Tradu o Automática e Manual, Através da Tradu o de Dois Artigos Científicos. 2013. 68 f. (Mestrado em Tradu o e Interpreta o Especializadas) Instituto Superior de Contabilidade e Administra o do Porto; Instituto Politécnico do Porto, Porto, 2013.
- PICCARDI, T. O que o doente faz quando fala? A narrativa do doente sob uma perspectiva pragmático-discursiva. Delta. São Paulo: Universidade Metropolitana de Santos, v. 32, n. 3, p. 801-817, 2016.
- PRAGMÁTICA. EducamaisBrasil, 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/pragmatica>. Acesso em 11 de junho de 2020.
- RESTRITO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/restrito/>>. Acesso em: 07/09/2020.
- RIBEIRO, Priscila J simo Silva. **A evolu o da tradu o automática nas últimas décadas**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Tradutor e intérprete do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, 2014.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. A prática da tradu o por teóricos tradutores. Tradu o em revista, PUC-RIO, Rio de Janeiro, v.4, 2007.
- SELESKOVITCH, D. Interpreting for international conferences. Tradu o de **L'interprete dans les conférences internationales**: problèmes de langage et de communication. Washington DC: Pen and Booth, 1978.
- SELESKOVITCH, D. e M. LEDERER. **Interpréter pour traduire**. Paris: Didier  dursion, 1984.
- SELESKOVITCH, D. Pour une théorie de la traduction inspirée de sa pratique. In: **Meta**, v. 25, n. 4. p. 401-408. Montreal: Presse de l'Université de Montréal, 1980.
- SOUZA, C. **A Tradu o automática e seus limites**. Revista Científica Indexada Linkania J nior, Out, 2011.
- VINAY, J.P. e DARBELNET, Jean- *Stylistique compar e du français et de l'anglais*: **Méthode de traduction**. Paris, Didier, 1977. Nova edi o revisa e corrigida. Primeira edi o: 1958.

ANEXO 1 - TEXTO GERAL

Original

The three faces of love

Len McMillan

Perhaps the longest and simplest love letter ever written was composed in 1875 by Marcel de Leclure, a French painter. His work of love contained one phrase: **I love you!** 1,875,000 times. But this figure represents only a small portion of the actual times **I love you!** was spoken or written during the production of this unusual letter. Marcel did not actually write this letter himself, but hired a scribe to do it for him. According to scribal tradition, Marcel dictated the letter—word for word. The scribe then repeated each phrase back to him as he wrote it down on paper. The phrase **I love you!** was actually spoken or written 5,625,000 times during the composition of this lengthy love letter. Marcel was in love and wanted his sweetheart to know it!

All of us want to be loved. Our need for love is so great we are often frustrated and insecure when our love needs are not met. But what is love? I suggest there are at least three faces of love, as it matures in life: the **“if”** face, the **“because”** face, the **“in spite of”** face. These faces show up, depending on our needs, wants, desires, and motivation.

The **“if”** face

The **“if”** face is the easiest one to spot. Most of us have seen this face of love many times in our lives. It is a manipulative one at best and a destructive one at worst.

Wendy was 18.* She sat across the table from me with her two-year-old daughter on her lap. She told me her sad story of **“if”** love. Her boyfriend had manipulated her into having sex. He kept pleading, **“If you really love me, it is all right.”** She eventually gave in. Wendy became pregnant, and the boy’s parents forced him to marry her. Now he was running around with other women. She had become nothing more than his housekeeper and babysitter. **“I’ve missed out on all my teen years!”** she sobbed, burying her face in her hands.

Wendy deeply resents her husband for what he had done to her. She feels cheated and cheap. She feels she was forced into becoming a parent. Her self-esteem is low; her life is miserable. She recognized too late the deceptive **“if”** face of love.

Many marriages are founded on this kind of love. The **“if”** love can exert such an overwhelming power and urge that some fail to recognize its deception. The primary target of this love is not the other person, but self. **“If”** love is interested only in satisfying one’s own needs and desires. Many young people get caught up in this selfish drive toward fulfillment and realize too late that they have been deceived.

Tragically, far too many parents offer only the “if” face of love to their children. Harry committed suicide because he failed his medical entrance exam. His father’s “if” love fuelled his depression. Harry knew how much his father wanted him to be a doctor. He was convinced that if he did not succeed in doing so, his father would reject him. Rather than witness the withdrawal of his father’s love, the young man took his own life.

The “because” face

The “because” face of love operates on a more pleasant level than “if” love. This face places value on and is considerate of the other person. It says, “I love you because you are sexy; because you are a ‘hunk’; because you write romantic poetry; because you bring strength and security into my life; because you are a great conversationalist; because you drive a classy automobile; and so on.” Whatever reason “because” love chooses to take a second look, it places value on the recipient of its glances. It offers positive strokes to the one being loved.

However, the “because” face tends to foster competition and insecurity. Those who receive “because” love feel they must continually prove that they are lovable. They are afraid of losing the quality that makes them loved. A young woman is loved because she is beautiful. A young man is loved because he is athletic and good looking. In some cases, the fear of future rejection can even prevent them from enjoying the “because” face of love in the present. Scripture reminds us, “There is no fear in love, but perfect love casts out fear. For fear has to do with punishment, and he who fears is not perfected in love” (1 John 4:18).** Fear and love cannot exist in the same relationship. A love that creates fear of failure is not true love.

Judy was young and beautiful. She had won many beauty contests in high school and was one of the most popular girls on the college campus. She was engaged to a handsome young man. But one day tragedy struck. As she was working in her father’s dry-cleaning facility, the flammable dry-cleaning fluid exploded and burned her face, chest, and arms. She was so disfigured that she would not allow the bandages to be removed except in the presence of her doctor. She was horribly disfigured.

Soon after the accident, her fiance broke off the engagement. Her parents could not face their disfigured “beauty queen” and rarely visited her in the hospital. Even though they spoke to her over the telephone, it was not the same. In a few months Judy died, never having left her hospital room. Not from complications. She simply gave up her will to live, because the reason she was loved had been taken away from her. Her beauty was gone.

The “in spite of” face

This kind of love simply loves. Unlike the “if” face, it is not based upon selfish motivation. It expects nothing in return. Unlike the “because” face, it does not depend upon the attractiveness of the other person. It looks past both the good and bad qualities and gazes into the soul. It is able to love even when rejected. It finds beauty in the ugly. It finds infinite value in a finite being. It looks lovingly on all who fall within its gaze.

Where do we find such a lovely face? The ultimate expression of that love is Jesus. He came to love humanity “in spite of” them. He came to introduce a face of love that had been missing since the Garden of Eden. He brought to this earth a love without conditions, fears, or selfish motivation.

Jesus did not bring a face of love that demands, “I will love you if you are a good moral person. I will love you if you worship me. I will love you if you pay a faithful tithe.” Nor did He bring a face of love that reasons, “I love you because you pray each day. I love you because you attend church each week.” These are all measures of **our** love for God, but they do not measure God’s love for us.

God did not place conditions upon His love. In fact, “God shows His love for us in that while we were yet sinners Christ died for us” (Romans 5:8). God doesn’t wait until we deserve to be loved. There are no “ifs” or “because” in God’s love. He simply loves! He is love! And that love continues in spite of whether or not we deserve it.

Jesus demonstrated the power of “in spite of” love when He wept over the death of Lazarus. Those who saw Him weeping said, “See how he loved him!” (John 11:36). That was love in spite of who Lazarus was. Lazarus did not merit the resurrection, but Jesus loved him enough to call him from the grave.

Which face is your face?

Which face of love do you prefer? The “if” face with its manipulative nature? The “because” face that must be earned anew every day? Or the “in spite of” face that continues to love you even when you appear unlovable?

It would be hard to imagine a young man proposing to his girlfriend in this manner, “Honey, I want you to know that I love you in spite of your many faults. I love you in spite of your crooked teeth. I love you in spite of your angry disposition. I love you in spite of....” It wouldn’t take very many “in spite of” statements before that relationship would reach a traumatic ending. Few indeed really want to be loved “in spite of.” We would much rather be loved “because of.”

However, hidden behind the face of “because” love is the root of all religious legalism. Many want God to love them “because” rather than “in spite of.” Surely our good works must count for something! Surely these works will at least get us an apartment with a view on the main thoroughfare in heaven. It is difficult for us to admit that we bring nothing to the relationship except our need. It is difficult for us to understand that God has no reason to love us, but He does! It is difficult for us to comprehend that any changes this new relationship brings into our lives is a direct result of His “in spite of” love and not the **cause** of His love. It means recognizing that nothing we can do will make God love us any more than He already does. God is love!

Jesus pleads with us, “Love one another; even as I have loved you” (John 13:34). This is actually a command empowered by “in spite of” love. Only that enabling could make such a bold request and expect obedience. Learning to relax in God’s love does not mean

to be lax in upholding His standards. Rather, it means having confidence that “neither death, nor life, nor angels, nor principalities, nor things present, nor things to come, nor powers, nor height, nor depth, nor anything else in all creation, will be able to separate us from the love of God in Christ Jesus our Lord” (Romans 8:38, 39).

The meaning of love

What does having and giving “in spite of” love mean? It means you can let Christ remodel your life without the worry and insecurity that someday Christ will abandon His remodeling project! It removes insecurity and fear of failure. It takes away the anxiety of rejection. It means we no longer have to compete fiercely in order to feel loved. It does not discredit another in order to add credibility to one’s own account. It does not play games with God in an attempt to gain His love. It recognizes that God has already seen us at our worst—and still loves us. It means not being under constant tension or demanding our rights from others because of our insecurity. It means we can begin to share “in spite of” love with our family, friends, neighbors, colleagues, fellow church members—and even with that special someone in our lives.

Tammy was a beautiful young wife. She always had a cheerful smile. Now, she lay on her hospital bed, after a surgery for a cancerous tumor on her cheek. The surgery had turned her face into a grotesque form, with her cheerful smile forever gone. The surgeon had done his best, carefully following the curve of her jawbone to hide the scar, but the tumor had been too large and the incision too deep. His scalpel had severed the nerves on the right side of her face. The operation had left the right side of her mouth pulled up into a half-open smile that never moved.

The young woman and her husband looked deep into each other’s eyes as they discussed the future. When the surgeon came in, Tammy asked, “Will my mouth be always like this?”

“Yes,” replied the doctor, “I am afraid it will. In order to remove the tumor I had to cut the nerves. They may never grow back. I’m sorry.”

Nodding, Tammy looked toward the ceiling. A tear welled up in her eye and dropped silently on her pillow. Her husband reached out and grasped her hand in his. Their eyes met, searching and questioning. Smiling broadly, he lovingly assured her, “Honey, I actually like your new smile. It’s kind of cute.”

Isn’t it great to know God still loves us in spite of our crooked smile?

Len McMillan (Ph. D., Ephraim Moore University) is family life director at the Pacific Health Education Center; 5300 California Avenue, Suite 200; Bakersfield, California 93309; U.S.A.

*Names in this article are fictitious to protect the privacy of the persons concerned.

**All Scripture passages in this article are from the Revised Standard Version.

© 1997-2003, Adventist Ministry to College and University Students (AMiCUS)

Dialogue homepage: www.adventist.org/education/dialogue/

Tradução do GT

As três faces do amor

Len McMillan

Talvez a carta de amor mais longa e mais simples já escrita tenha sido composta em 1875 por Marcel de Leclure, um pintor francês. Sua obra de amor continha uma frase: eu te amo! 1.875.000 vezes. Mas esse número representa apenas uma pequena parte dos momentos em que eu te amo! foi falado ou escrito durante a produção desta carta incomum. Marcel não escreveu essa carta, mas contratou um escriba para fazer isso por ele. Segundo a tradição dos escribas, Marcel ditava a letra - palavra por palavra. O escriba então repetiu cada frase de volta para ele enquanto escrevia no papel. A frase eu te amo! foi realmente falado ou escrito 5.625.000 vezes durante a composição desta longa carta de amor. Marcel estava apaixonado e queria que sua namorada soubesse!

Todos nós queremos ser amados. Nossa necessidade de amor é tão grande que muitas vezes somos frustrados e inseguros quando nossas necessidades de amor não são atendidas. Mas o que é amor? Sugiro que haja pelo menos três faces do amor, à medida que amadurece na vida: a face “se”, a face “porque”, a face “apesar de”. Esses rostos aparecem, dependendo de nossas necessidades, vontades, desejos e motivação.

O rosto “se”

O rosto “se” é o mais fácil de identificar. Muitos de nós já vimos esse rosto de amor muitas vezes em nossas vidas. É manipulador na melhor das hipóteses e destrutivo na pior.

Wendy tinha 18 anos. * Ela se sentou do outro lado da mesa, com a filha de dois anos no colo. Ela me contou sua triste história de amor “se”. O namorado dela a havia manipulado para fazer sexo. Ele continuou implorando: “Se você realmente me ama, está tudo bem.” Ela acabou cedendo. Wendy ficou grávida e os pais do menino o forçaram a se casar com ela. Agora ele estava andando com outras mulheres. Ela se tornara nada mais que sua empregada e babá. “Eu perdi todos os meus anos de adolescência!” ela soluçou, enterrando o rosto nas mãos.

Wendy se ressentia profundamente do marido pelo que ele havia feito com ela. Ela se sente enganada e barata. Ela sente que foi forçada a se tornar mãe. Sua auto-estima é baixa; a vida dela é miserável. Ela reconheceu tarde demais o enganoso rosto “se” do amor.

Muitos casamentos são baseados nesse tipo de amor. O amor “se” pode exercer um poder tão avassalador e insistir que alguns falhem em reconhecer seu engano. O alvo principal desse amor não é a outra pessoa, mas o eu. O amor “se” está interessado apenas em satisfazer as próprias necessidades e desejos. Muitos jovens se envolvem nesse impulso egoísta de realização e percebem tarde demais que foram enganados.

Tragicamente, muitos pais oferecem apenas o rosto “se” do amor aos filhos. Harry cometeu suicídio porque falhou no exame médico de admissão. O amor “se” de seu pai alimentou sua depressão. Harry sabia o quanto seu pai queria que ele fosse médico. Ele estava convencido de que, se não conseguisse, seu pai o rejeitaria. Em vez de testemunhar a retirada do amor de seu pai, o jovem tirou a própria vida.

O rosto do “porque”

O rosto “porque” do amor opera em um nível mais agradável do que o amor “se”. Esse rosto valoriza e é atencioso com a outra pessoa. Diz: “Eu te amo porque você é sexy; porque você é um ‘pedaço’; porque você escreve poesia romântica; porque você traz força e segurança à minha vida; porque você é um ótimo conversador; porque você dirige um automóvel elegante; e assim por diante.” Qualquer que seja o motivo “porque” o amor opte por dar uma segunda olhada, ele valoriza quem recebe seus olhares. Oferece traços positivos para quem está sendo amado.

No entanto, o rosto “porque” tende a promover a concorrência e a insegurança. Quem recebe o amor “porque” sente que deve provar continuamente que é amável. Eles têm medo de perder a qualidade que os faz amados. Uma jovem é amada porque é linda. Um jovem é amado porque é atlético e bonito. Em alguns casos, o medo de rejeição futura pode até impedir que desfrutem da face “porque” do amor no presente. As escrituras nos lembram: “Não há medo no amor, mas o amor perfeito lança fora o medo. Pois o medo tem a ver com o castigo, e quem teme não é aperfeiçoado no amor” (1 João 4:18). ** O medo e o amor não podem existir no mesmo relacionamento. Um amor que cria medo do fracasso não é amor verdadeiro.

Judy era jovem e bonita. Ela havia vencido muitos concursos de beleza no ensino médio e era uma das garotas mais populares do campus da faculdade. Ela estava noiva de um jovem bonito. Mas um dia a tragédia ocorreu. Enquanto trabalhava nas instalações de lavagem a seco de seu pai, o líquido inflamável de limpeza a seco explodiu e queimou o rosto, o peito e os braços. Ela estava tão desfigurada que não permitiu que os curativos fossem removidos, exceto na presença de seu médico. Ela estava terrivelmente desfigurada.

Logo após o acidente, seu noivo interrompeu o noivado. Seus pais não podiam encarar a desfigurada “rainha da beleza” e raramente a visitavam no hospital. Embora eles falassem com ela por telefone, não era o mesmo. Em alguns meses Judy morreu, nunca tendo saído do quarto do hospital. Não por complicações. Ela simplesmente desistiu de sua vontade de viver, porque a razão de ser amada havia sido tirada dela. Sua beleza se foi.

O rosto “apesar de”

Esse tipo de amor simplesmente ama. Ao contrário do rosto “se”, não é baseado em motivação egoísta. Não espera nada em troca. Diferente da face do “porque”, ela não depende da atratividade da outra pessoa. Olha além das boas e más qualidades e olha para

a alma. É capaz de amar mesmo quando rejeitado. Encontra a beleza no feio. Encontra valor infinito em um ser finito. Olha carinhosamente para todos que caem sob seu olhar.

Onde encontramos um rosto tão adorável? A expressão máxima desse amor é Jesus. Ele chegou a amar a humanidade “apesar deles”. Ele veio para apresentar um rosto de amor que estava faltando desde o Jardim do Éden. Ele trouxe à terra um amor sem condições, medos ou motivação egoísta.

Jesus não trouxe um rosto de amor que exige: “Eu te amarei se você é uma boa pessoa moral. Eu vou te amar se você me adorar. Eu te amarei se você pagar um dízimo fiel. Ele também não trouxe um rosto de amor que justifique: “Eu amo você porque você ora todos os dias. Eu te amo porque você frequenta a igreja toda semana. Todas essas são medidas do nosso amor a Deus, mas elas não medem o amor de Deus por nós.

Deus não colocou condições sobre Seu amor. De fato, “Deus mostra Seu amor por nós, enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós” (Romanos 5: 8). Deus não espera até que mereçamos ser amados. Não há “se” ou “causa” no amor de Deus. Ele simplesmente ama! Ele é amor! E esse amor continua apesar de mereçermos ou não.

Jesus demonstrou o poder do “apesar do” amor quando chorou pela morte de Lázaro. Aqueles que O viram chorando disseram: “Veja como ele o amava!” (João 11:36). Isso era amor, apesar de quem Lázaro era. Lázaro não mereceu a ressurreição, mas Jesus o amou o suficiente para chamá-lo da sepultura.

Qual é o seu rosto?

Qual face do amor você prefere? O “se” enfrenta sua natureza manipuladora? O rosto do “porque” que deve ser conquistado novamente todos os dias? Ou o rosto “apesar de” que continua a amar você mesmo quando você parece desagradável?

Seria difícil imaginar um jovem propondo a sua namorada dessa maneira: “Querida, quero que saiba que eu te amo, apesar de seus muitos defeitos. Eu te amo, apesar de seus dentes tortos. Eu te amo, apesar de sua disposição irritada. Eu amo você, apesar de ...”. Não seria preciso muitas declarações” apesar de “antes que esse relacionamento chegasse a um final traumático. Poucos realmente querem ser amados “apesar de”. Preferimos ser amados “por causa de”.

No entanto, escondido atrás da face do “porque” o amor é a raiz de todo legalismo religioso. Muitos querem que Deus os ame “porque” ao invés de “apesar de”. Certamente nossas boas obras devem contar para alguma coisa! Certamente essas obras nos conseguirão um apartamento com vista para a principal via do céu. É difícil admitir que nada trazemos ao relacionamento, exceto nossa necessidade. É difícil para nós entender que Deus não tem motivos para nos amar, mas Ele ama! É difícil compreender que qualquer mudança que esse novo relacionamento traga em nossas vidas é resultado direto do Seu amor, apesar do amor, e não a causa do Seu amor. Significa reconhecer que nada que possamos fazer fará com que Deus nos ame mais do que Ele já faz. Deus é amor!

Jesus implora conosco: “Ame-se; como eu te amei” (João 13:34). Este é realmente um comando autorizado pelo amor “apesar de”. Somente essa habilitação poderia fazer um pedido tão ousado e esperar obediência. Aprender a relaxar no amor de Deus não significa ser negligente na defesa de Seus padrões. Antes, significa ter confiança de que “nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas presentes, nem as coisas que virão, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra coisa em toda a criação serão capazes de separar nós do amor de Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8:38, 39).

O significado do amor

O que significa ter e dar “apesar do” amor? Isso significa que você pode deixar Cristo remodelar sua vida sem a preocupação e insegurança de que algum dia Cristo abandonará Seu projeto de reforma! Remove a insegurança e o medo do fracasso. Afasta a ansiedade da rejeição. Isso significa que não precisamos mais competir ferozmente para nos sentirmos amados. Não desacredita outra pessoa, a fim de adicionar credibilidade à própria conta. Não brinca com Deus na tentativa de conquistar Seu amor. Reconhece que Deus já nos viu da pior maneira possível - e ainda nos ama. Significa não estar sob tensão constante ou exigir nossos direitos dos outros por causa de nossa insegurança. Isso significa que podemos começar a compartilhar “apesar do” amor com nossa família, amigos, vizinhos, colegas, membros da igreja - e até mesmo com alguém especial em nossas vidas.

Tammy era uma jovem e bela esposa. Ela sempre teve um sorriso alegre. Agora, ela estava deitada na cama do hospital, após uma cirurgia para um tumor cancerígeno na bochecha. A cirurgia transformou seu rosto em uma forma grotesca, com seu sorriso alegre desaparecido para sempre. O cirurgião fez o seu melhor, seguindo cuidadosamente a curva do seu maxilar para esconder a cicatriz, mas o tumor era muito grande e a incisão muito profunda. O bisturi dele cortou os nervos do lado direito do rosto dela. A operação deixou o lado direito da boca em um sorriso meio aberto que nunca se moveu.

A jovem e o marido se entreolharam enquanto discutiam o futuro. Quando o cirurgião entrou, Tammy perguntou: “Minha boca será sempre assim?”

“Sim”, respondeu o médico, “eu tenho medo que sim. Para remover o tumor, tive que cortar os nervos. Eles nunca podem voltar a crescer. Eu sinto Muito.”

Assentindo, Tammy olhou para o teto. Uma lágrima brotou em seus olhos e caiu silenciosamente em seu travesseiro. O marido estendeu a mão e agarrou a mão dela. Seus olhos se encontraram, procurando e questionando. Sorrindo amplamente, ele carinhosamente assegurou-lhe: “Querida, eu realmente gosto do seu novo sorriso. É meio fofo. “

Não é ótimo saber que Deus ainda nos ama, apesar do nosso sorriso torto?

Len McMillan (Ph. D., Universidade Ephraim Moore) é diretor de vida familiar no Pacific Health Education Center; 5300 California Avenue, Suite 200; Bakersfield, Califórnia 93309; EUA.

* Os nomes neste artigo são fictícios para proteger a privacidade das pessoas envolvidas.

** Todas as passagens das Escrituras neste artigo são da Versão Padrão Revisada.

© 1997-2003, Ministério Adventista de Estudantes Universitários (AMiCUS)

Página inicial do diálogo: www.adventist.org/education/dialogue/

Tradução humana

As três faces do amor

Len McMillan

A carta de amor, talvez a mais longa e mais simples, foi composta em 1875 por Mareei de Leclure, um pintor francês. Sua peça de amor continha uma frase: **Eu a amo!** 1.875.000 vezes. Mas este número representa apenas uma pequena parte das vezes que **Eu a amo** foi escrita ou falada na produção desta carta fora do comum. Mareei não escreveu a carta ele mesmo, mas contratou um escriba para escrevê-la. Segundo a tradição, Mareei ditou a carta, palavra por palavra. O escriba então repetiu cada frase para ele ao pô-la no papel. A frase **Eu a amo!** foi com efeito falada ou escrita 5.625.000 vezes durante a composição desta longa carta. Mareei estava apaixonado e queria que sua namorada soubesse!

Todos nós queremos ser amados. Nossa carência de amor é tão grande que ficamos frustrados e inseguros se nossa carência de amor não é satisfeita. Mas que é amor? Sugiro que há pelo menos três faces do amor à medida que ele amadurece.: a face “se”, a face “porque”, a face “apesar de”. Estas faces surgem, conforme a nossa carência, os nossos desejos e as nossas motivações.

A face “se”

A face “se” é a mais fácil de reconhecer. A maior parte de nós já viu esta face do amor muitas vezes. Pelo melhor ela é manipulatória e pelo pior é destrutiva.

Wendy tinha 18 anos.* Ela estava assentada do outro lado da mesa com sua filhinha de dois anos no colo. Contou-me sua triste história do amor “se”. Seu namorado a manipulou a ter sexo. Ele insistia: “Se você realmente me ama, é aceitável.” Ela eventualmente cedeu. Wendy engravidou, e os pais do rapaz o forçaram a casar-se com ela. Agora ele vive correndo atrás de mulheres. Ela se tornou apenas sua governanta da casa e a babá. “Perdi todos os anos de minha adolescência!” soluçou, escondendo o rosto nas mãos.

Wendy sente profundamente o que seu marido lhe fez. Sente-se roubada e sem valor. Sente que foi forçada a se tornar mãe. Sua auto-estima é baixa; sua vida é miserável. Reconheceu demasiado tarde a face enganosa do amor “se”.

Muitos casamentos têm como fundamento este tipo de amor. O amor “se” pode exercer uma força tão esmagadora que alguns deixam de reconhecer seu engano. O alvo primário deste amor não é a outra pessoa, mas o eu. O amor “se” se interessa apenas

em satisfazer suas próprias necessidades e desejos. Muitos jovens são apanhados neste impulso egoísta de satisfação própria e reconhecem tarde demais que foram enganados.

Tragicamente, muitos pais oferecem apenas a face “se” do amor a seus filhos. Harry cometeu suicídio porque foi reprovado no vestibular de medicina. O amor “se” do pai alimentou sua depressão. Harry sabia quanto seu pai queria que ele fosse médico. Estava convencido de que se ele não conseguisse sê-lo, seu pai o rejeitaria. De preferência a testemunhar que seu pai não mais o amava, o jovem suicidou-se.

A face “porque”

A face “porque” do amor opera num nível mais agradável do que a face “se”. Esta face valoriza a outra pessoa. Ela diz: “Eu a amo porque você é sensual; porque você é um ‘doce’; porque você escreve poesia romântica; porque você trás segurança à minha vida; porque você tem boa prosa; porque você dirige um carro de classe” e assim por diante. Por alguma razão qualquer, o amor “porque” escolhe olhar uma segunda vez e avaliar o objeto de seu olhar. Oferece afagos positivos à pessoa sendo amada.

Não obstante, a face “porque” tende a promover competição e insegurança. Os que são objetos do amor “porque” sentem que precisam provar continuamente que são dignos de amor. Receiam perder a qualidade que os tomam amados. Uma jovem é amada porque é bonita. Um jovem é amado porque é atlético e bonito. Em alguns casos, o receio de rejeição futura pode mesmo impedir de desfrutar a face “porque” do amor no presente. As Escrituras nos lembram: “No amor não existe medo; antes o perfeito amor lança fora o medo. Pois o amor tem que ver com punição; logo aquele que teme não é aperfeiçoado no amor”(I João 4:18). Temor e amor não podem coexistir na mesma relação. Um amor que cria receio de fracasso não é verdadeiro amor.

Judy era jovem e bela. Tinha ganho muitos concursos de beleza no ginásio e era uma das meninas mais populares no campus da faculdade. Era noiva de um rapaz simpático. Mas um dia a tragédia ocorreu. Ao trabalhar na tinturaria de seu pai, o fluido inflamável explodiu e queimou seu rosto, peito e braços. Ficou tão desfigurada que não permitia que as ligaduras fossem removidas exceto na presença de seu médico.

Pouco depois do acidente seu noivo rompeu o noivado. Seus pais não podiam contemplar sua “rainha de beleza” desfigurada e raramente a visitavam no hospital. Mesmo quando falavam com ela pelo telefone, não era como antes. Dentro de poucos meses Judy faleceu, sem ter deixado o quarto do hospital. Não de complicações. Simplesmente desistiu de viver, pois a razão por que era amada foi-lhe tirada. Sua beleza foi-se.

A face “apesar de”

Esta espécie de amor simplesmente ama. Diferente da face “se”, esta face não é baseada em motivação egoísta. Nada espera em troca. Diferente da face “porque”, não depende do aspeto atrativo da outra pessoa. Olha além das boas e más qualidades e fita a alma. É capaz de amar mesmo quando rejeitada. Vê o belo no feio. Descobre valor infinito num ser finito. Olha com amor a todos a seu redor.

Onde achamos uma face tão amável? A expressão máxima deste amor é Jesus. Ele veio para amar a humanidade apesar de tudo. Veio para introduzir uma face de amor que faltava desde o Jardim do Éden. Trouxa a esta terra um amor incondicional, sem temores ou motivação egoísta.

Jesus não trouxe uma face do amor que diz: “Eu o amarei se você for uma boa pessoa. Eu o amarei se você me adorar. Eu o amarei se for um dizimista fiel.” Nem trouxe Ele uma face do amor que arrazoza: “Eu o amo porque você ora cada dia. Eu o amo porque você vai à igreja cada semana.” Tudo isto mede **nosso** amor a Deus, mas não mede o amor de Deus por nós.

Deus não impôs condições a Seu amor. Com efeito, “Deus prova seu próprio amor para conosco, pelo fato de Cristo ter morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5:8). Deus não espera até merecermos ser amados. Não há “se” nem “porque” no amor de Deus. Ele simplesmente ama! Ele é amor! Este amor continua ainda que não o mereçamos.

Jesus demonstrou o poder do amor tipo “apesar de” quando chorou pela morte de Lázaro. Os que o viram chorando disseram: “Vede quanto o amava!” (João 11:36). Isto era amor a despeito do que Lázaro fosse. Lázaro não merecia ser ressuscitado, mas Jesus o amava o bastante para chamá-lo da sepultura.

Que face é sua face?

Que face do amor você prefere? A face “se”, com sua natureza manipulatória? A face “porque”, que precisa ser ganha de novo cada dia? Ou a face “apesar de”, que continua a amá-lo mesmo quando você parece não ser digno de amor?

Seria difícil imaginar um jovem propondo a sua namorada deste modo: “Benzinho, quero que você saiba que eu a amo apesar de suas muitas faltas. Eu a amo apesar de seus dentes tortos. Eu a amo apesar de sua disposição irritada. Eu a amo apesar de...” Não levaria muitos “apesar de” antes da relação chegar a um fim traumático. Poucos realmente querem ser amados “apesar de”. Preferiríamos ser amados “por causa de”.

Contudo, oculta atrás da face do amor “porque” está a raiz de todo legalismo religioso. Muitos querem que Deus os ame “porque” e não “apesar de”. Por certo nossas boas obras devem valer algo. Por certo estas obras devem ao menos obter um apartamento com uma vista sobre a principal avenida do céu. É-nos difícil admitir que nada trazemos à relação exceto nossa carência. É-nos difícil compreender que Deus não tem razão para nos amar, mas Ele nos ama! É-nos difícil compreender que quaisquer mudanças que esta nova relação introduz em nossa vida sejam resultado direto de Seu amor “a despeito de” e não a causa de Seu amor. Precisamos reconhecer que nada que façamos fará com que Deus nos ame mais do que já nos ama. Deus é amor!

Jesus pleiteia conosco, “Assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (João 13:34). Este é realmente um mandamento fortalecido por um amor “apesar de”. Somente uma tal dinâmica podia dar uma tal ordem e esperar obediência. Aprender

a descansar no amor de Deus não significa ser relaxado em manter Suas normas. Ao contrário, significa ter confiança que “nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 8:38, 39).

O significado deste amor

Que significa ter e dar amor “apesar de”? Significa que você pode permitir que Cristo remodele sua vida sem a preocupação de que algum dia Cristo abandone Seu projeto de remodelação! Lança fora a insegurança e o medo de fracasso. Remove a ansiedade de rejeição. Significa que a gente não mais precisa competir ferozmente a fim de sentir-se amado. Não descredita o outro a fim de aumentar sua própria credibilidade. Não barganha com Deus a fim de ganhar Seu amor. Reconhece que Deus já nos viu em nosso pior e ainda nos ama. Significa não estar sob tensão constante ou não exigir nossos direitos por causa de nossa insegurança. Significa que podemos começar a partilhar amor do tipo “apesar de” com nossa família, amigos, vizinhos, colegas, membros de nossa igreja e até com aquela pessoa especial em nossas vidas.

Tammy era uma bela jovem esposa. Sempre tinha um sorriso prazenteiro. Agora ela jazia numa cama de hospital, depois de cirurgia para remover um tumor canceroso de seu rosto. A cirurgia tinha dado uma aparência grotesca a seu rosto, e seu sorriso jovial desapareceu para sempre. O cirurgião tinha feito seu melhor, seguindo cuidadosamente a curva de seu maxilar para esconder a cicatriz, mas o tumor era muito grande e a incisão profunda demais. Seu bisturi tinha cortado os nervos do lado direito de seu rosto. A operação tinha deixado o lado direito de sua boca repuxado num meio sorriso imóvel.

A jovem e seu marido fitaram o fundo do olho um do outro ao discutirem o futuro. Quando o cirurgião entrou, Tammy perguntou: “Minha boca será sempre assim?”

“Sim”, respondeu o médico. “Receio que será. Para remover o tumor tive de cortar os nervos. Talvez nunca voltem a crescer. Sinto muito.”

Tammy fitou o teto. Uma lágrima brotou de seu olho e deslizou silenciosamente em seu travesseiro. O marido tomou sua mão entre as suas. Seus olhos se encontraram, sondando e perguntando. Com um sorriso largo ele lhe assegurou amavelmente: “Benzinho, realmente gosto de seu sorriso. É gracioso.”

Não é extraordinário saber que Deus ainda nos ama apesar de nosso sorriso torto?

Len McMillan (Ph.D., Ephraim Moore University) é diretor de vida de família no Pacific Health Education Center; 5300 Califórnia Avenue, Suite 200: Bakersfield, CA 93309; E.U.A.

***Os nomes usados neste artigo são fictícios para preservar a privacidade das pessoas em questão.**

© 1997-2003, Adventist Ministry to College and University Students (AMiCUS)

Sítio de **Diálogo**: www.adventist.org/education/dialogue/

ANEXO 2 – TEXTO TÉCNICO

Original

Empiricist speculation and the “science of behavior” that has developed within its terms have proved rather barren, perhaps because of the peculiar assumptions that have guided and limited such inquiry. The grip of empiricist doctrine in the modern period, outside of the natural sciences, is to be explained on sociological or historical grounds. The position itself has little to recommend it on grounds of empirical evidence or inherent plausibility or explanatory power. I do not think that this doctrine would attract a scientist who is able to discard traditional myth and to approach the problems afresh. Rather, it serves as an impediment, an insurmountable barrier to fruitful inquiry, much as the religious dogmas of an earlier period stood in the way of the natural sciences.

It is sometimes argued that modern empiricism overcomes the limitations of the earlier tradition, but I think that this belief is seriously in error. Hume, for example, presented a substantive theory of “the secret springs and principles, by which the human mind is actuated in its operations.” In his investigation of the foundations of knowledge, he suggested specific principles that constitute “a species of natural instincts.” Modern empiricists who disparage Hume have simply replaced his theory by vacuous systems that preserve empiricist (or more narrowly, behaviorist) terminology while depriving traditional ideas of their substance. I have discussed this matter elsewhere (cf. chapter 4), and will not pursue it here.

In recent years, many of these issues, long dormant, have been revived, in part in connection with the study of language. There has been much discussion of the so-called “innateness hypothesis,” which holds that one of the faculties of the mind, common to the species, is a faculty of language that serves the two basic functions of rationalist theory: it provides a sensory system for the preliminary analysis of linguistic data, and a schematism that determines, quite narrowly, a certain class of grammars. Each grammar is a theory of a particular language, specifying formal and semantic properties of an infinite array of sentences. These sentences, each with its particular structure, constitute the language generated by the grammar. The languages so generated are those that can be “learned” in the normal way. The language faculty, given appropriate stimulation, will construct a grammar; the person knows the language generated by the constructed grammar. This knowledge can then be used to understand what is heard and to produce discourse as an expression of thought within the constraints of the internalized principles, in a manner appropriate to situations as these are conceived by other mental faculties, free of stimulus control.¹¹ Questions related to the language faculty and its exercise are the ones that, for me at least, give a more general intellectual interest to the technical study of language.

I Would now like to consider the so-called “innateness hypothesis,” to identify some elements in it that are or should be controversial, and to sketch some of the problems that arise as we try to resolve the controversy. Then, we may try to see what can be said about the nature and exercise of the linguistic competence that has been acquired, along with some related matters.

A preliminary observation is that the term “innateness hypothesis” is generally used by critics rather than advocates, of the position to which it refers. I have never used the term, because it can only mislead. Every “theory of learning” that is even worth considering incorporates an innateness hypothesis. Thus, Hume’s theory proposes specific innate structures of mind and seeks to account for all of human knowledge on the basis of these structures, even postulating unconscious and innate knowledge. (Cf. chapter 4.) The question is not whether learning presupposes innate structure—of course it does; that has never been in doubt—but rather what these innate structures are in particular domains

Retirado das págs 81-82 do livro “Reflections on language” do Noam Chomsky.

Tradução GT

A especulação empirista e a “ciência do comportamento” que se desenvolveu dentro de seus termos mostraram-se bastante estéreis, talvez por causa das suposições peculiares que orientaram e limitaram tal investigação. O domínio da doutrina empirista no período moderno, fora das ciências naturais, deve ser explicado em bases on sociológicas ou históricas. 10 A posição em si tem pouco a recomendá-la com base em evidências empíricas ou plausibilidade inerente ou poder explicativo. Não creio que essa doutrina atrairia um cientista capaz de descartar o mito tradicional e abordar os problemas de maneira nova. Em vez disso, serve como um impedimento, uma barreira intransponível para a investigação frutífera, da mesma forma que os dogmas religiosos de um período anterior atrapalharam as ciências naturais.

Algumas vezes se argumenta que o empirismo moderno supera as limitações da tradição anterior, mas acho que essa crença está seriamente errada. Hume, por exemplo, apresentou uma teoria substantiva das “fontes e princípios secretos, pelos quais a mente humana é acionada em suas operações”. Em sua investigação dos fundamentos do conhecimento, ele sugeriu princípios específicos que constituem “uma espécie de instintos naturais”. Os empiristas modernos que menosprezam Hume simplesmente substituíram sua teoria por sistemas vazios que preservam a terminologia empirista (ou mais estritamente, behaviorista) enquanto privam as idéias tradicionais de sua substância. Já discuti esse assunto em outro lugar (cf. capítulo 4) e não o explorarei aqui.

Nos últimos anos, muitas dessas questões, há muito adormecidas, foram revividas, em parte em conexão com o estudo da linguagem. Tem havido muita discussão sobre a chamada “hipótese do inato”, que sustenta que uma das faculdades da mente, comum à

espécie, é uma faculdade da linguagem que atende às duas funções básicas da teoria racionalista: ela fornece uma sistema para a análise preliminar de dados linguísticos e um esquematismo que determina, de forma bastante restrita, uma certa classe de gramáticas. Cada gramática é uma teoria de uma linguagem particular, especificando propriedades formais e semânticas de um conjunto infinito de frases. Essas frases, cada uma com sua estrutura particular, constituem a linguagem gerada pela gramática. As linguagens assim geradas são aquelas que podem ser “aprendidas” da maneira normal. A faculdade de linguagem, dada a estimulação apropriada, construirá uma gramática; a pessoa conhece a linguagem gerada pela gramática construída. Esse conhecimento pode então ser usado para entender o que é ouvido e para produzir o discurso como expressão do pensamento dentro dos limites dos princípios internalizados, de maneira adequada a situações concebidas por outras faculdades mentais, livres de controle de estímulos. ¹¹ As questões relacionadas com o corpo docente da linguagem e seu exercício são as que, pelo menos para mim, dão um interesse intelectual mais geral ao estudo técnico da linguagem.

Gostaria agora de considerar a chamada “hipótese do inato”, para identificar alguns elementos nela que são ou deveriam ser polêmicos e esboçar alguns dos problemas que surgem à medida que tentamos resolver a controvérsia. Então, podemos tentar ver o que pode ser dito sobre a natureza e o exercício da competência linguística que foi adquirida, juntamente com alguns assuntos relacionados.

Uma observação preliminar é que o termo “hipótese do inato” é geralmente usado por críticos, e não por defensores, da posição a que se refere. Nunca usei o termo, porque só pode enganar. Cada “teoria da aprendizagem” que vale a pena considerar incorpora uma hipótese do inatismo. Assim, a teoria de Hume propõe estruturas mentais inatas específicas e busca dar conta de todo o conhecimento humano com base nessas estruturas, mesmo postulando conhecimento inato e inconsciente. (Cf. capítulo 4.) A questão não é se a aprendizagem pressupõe uma estrutura inata - claro que sim; isso nunca esteve em dúvida, mas sim quais são essas estruturas inatas em domínios específicos.

Tradução humana

A especulação empirista e a “ciência do comportamento” que se desenvolveu em seu âmbito têm-se mostrado um tanto estereis, talvez devido aos pressupostos peculiares que norteiam e limitam suas indagações. A audiência da doutrina empirista no período moderno, fora das ciências naturais, deve ser explicada em termos sociológicas e históricos. ¹⁰ A posição em si tem pouco a recomendá-la no que toca à evidência empírica, à plausibilidade inerente, ou ao poder de explicação. Não acredito que esta doutrina atraia um cientista capaz de pôr de lado o mito tradicional e abordar os problemas de modo novo. Ao contrário ela funciona como um impedimento, um obstáculo intransponível para a indagação produtiva, tal como os dogmas religiosos que outrora se puseram no caminho das ciências naturais.

Argumenta-se, às vezes, que o empirismo moderno supera as limitações da tradição anterior, mas acho que essa visão incorre em sério engano. Hume, por exemplo, apresentou uma teoria consistente a respeito das “fontes e princípios secretos, que estão na base das operações do espírito humano”. Em sua investigação sobre os fundamentos do conhecimento, sugere princípios específicos que constituem “uma espécie de instinto natural.” Os empiristas modernos que menosprezam Hume não fazem mais que substituir a sua teoria por sistemas vazios que preservam a terminologia empirista (ou mais estritamente, behaviorista), ao mesmo tempo que subtraem às idéias tradicionais sua substância. Tratei desse assunto alhures (cf. Cap. 4) e não o desenvolverei aqui.

Nos últimos anos, muitas dessas questões, por muito tempo adormecidas, foram novamente trazidas à baila, em parte em conexão com o estudo da linguagem. Tem-se discutido muito a chamada “hipótese do inatismo”, que coloca entre as faculdades da mente comuns à espécie, uma faculdade de linguagem que desempenha as duas funções básicas da teoria racionalista: prevê um sistema sensorial para a análise preliminar dos dados linguísticos e um conjunto de esquemas que determina, de modo muito preciso, uma certa classe de gramáticas. Cada gramática é uma teoria de uma determinada língua, especificando propriedades formais e semânticas de um conjunto infinito de sentenças. Estas sentenças, cada uma com uma estrutura particular, constituem a língua gerada pela gramática. As línguas assim geradas são as que podem ser “aprendidas” normalmente. A faculdade de linguagem, dado o estímulo adequado, constituirá uma gramática; a pessoa conhece a língua gerada pela gramática construída. Esse conhecimento pode então ser aplicado na compreensão do que é ouvido e na produção do discurso enquanto expressão do pensamento dentro dos limites impostos pelos princípios internalizados, de modo apropriado às situações tais como concebidas por outras faculdades mentais, independentemente do controle do estímulo.¹¹ As questões relacionadas com a faculdade de linguagem e seu exercício são, pelo menos em minha opinião, as que conferem um interesse intelectual mais amplo ao estudo técnico da linguagem.

Gostaria agora de considerar a chamada “hipótese do inatismo”, identificar alguns elementos controvertidos e delinear alguns problemas que surgem quando se procura resolver a controvérsia. Em seguida, tentaremos ver o que se pode dizer a respeito da natureza e do exercício da competência linguística adquirida, e outros assuntos relacionados.

Como observação preliminar, deve-se dizer que a expressão “hipótese do inatismo” é mais empregada pelos críticos do que pelos defensores da posição a que se refere. Nunca empreguei essa expressão, pois ela leva apenas a equívocos. Toda “teoria da aprendizagem” digna de consideração incorpora uma hipótese de inatismo. A teoria de Hume, por exemplo, propõe estruturas inatas específicas da mente e procura explicar todo o conhecimento humano com base nessas estruturas, postulando inclusive conhecimento inconsciente e inato. (Cf. Cap. 4.) A questão não é determinar se a aprendizagem pressupõe ou não uma estrutura inata - é claro que pressupõe; isso nunca foi posto em dúvida-, mas sim quais são as naturezas inatas em domínios específicos.

Retirado do livro “Reflexões sobre a linguagem” do Noam Chomsky.

ANEXO 3 – TEXTO LITERÁRIO

Original

Atticus was feeble: he was nearly fifty. When Jem and I asked him why he was so old, he said he got started late, which we felt reflected upon his abilities and manliness. He was much older than the parents of our school contemporaries, and there was nothing Jem or I could say about him when our classmates said, “My father—”

Jem was football crazy. Atticus was never too tired to play keep-away, but when Jem wanted to tackle him Atticus would say, “I’m too old for that, son.” Our father didn’t do anything. He worked in an office, not in a drugstore. Atticus did not drive a dump-truck for the county, he was not the sheriff, he did not farm, work in a garage, or do anything that could possibly arouse the admiration of anyone.

Besides that, he wore glasses. He was nearly blind in his left eye, and said left eyes were the tribal curse of the Finches. Whenever he wanted to see something well, he turned his head and looked from his right eye. He did not do the things our schoolmates’ fathers did: he never went hunting, he did not play poker or fish or drink or smoke. He sat in the livingroom and read. With these attributes, however, he would not remain as inconspicuous as we wished him to: that year, the school buzzed with talk about him defending Tom Robinson, none of which was complimentary. After my bout with Cecil Jacobs when I committed myself to a policy of cowardice, word got around that Scout Finch wouldn’t fight any more, her daddy wouldn’t let her. This was not entirely correct: I wouldn’t fight publicly for Atticus, but the family was private ground. I would fight anyone from a third cousin upwards tooth and nail. Francis Hancock, for example, knew that.

When he gave us our air-rifles Atticus wouldn’t teach us to shoot. Uncle Jack instructed us in the rudiments thereof; he said Atticus wasn’t interested in guns. Atticus said to Jem one day, “I’d rather you shot at tin cans in the back yard, but I know you’ll go after birds. Shoot all the bluejays you want, if you can hit ‘em, but remember it’s a sin to kill a mockingbird.” That was the only time I ever heard Atticus say it was a sin to do something, and I asked Miss Maudie about it. “Your father’s right,” she said. “Mockingbirds don’t do one thing but make music for us to enjoy. They don’t eat up people’s gardens, don’t nest in corncribs, they don’t do one thing but sing their hearts out for us. That’s why it’s a sin to kill a mockingbird.”

“Miss Maudie, this is an old neighborhood, ain’t it?” “Been here longer than the town.” “Nome, I mean the folks on our street are all old. Jem and me’s the only children around here. Mrs. Dubose is close on to a hundred and Miss Rachel’s old and so are you and Atticus.” “I don’t call fifty very old,” said Miss Maudie tartly. “Not being wheeled around yet, am I? Neither’s your father. But I must say Providence was kind enough to burn down that

old mausoleum of mine, I'm too old to keep it up—maybe you're right, Jean Louise, this is a settled neighborhood. You've never been around young folks much, have you?" "Yessum, at school." "I mean young grown-ups. You're lucky, you know. You and Jem have the benefit of your father's age. If your father was thirty you'd find life quite different." "I sure would. Atticus can't do anything..." "You'd be surprised," said Miss Maudie. "There's life in him yet." "What can he do?" "Well, he can make somebody's will so airtight can't anybody meddle with it." "Shoot..." "Well, did you know he's the best checker-player in this town? Why, down at the Landing when we were coming up, Atticus Finch could beat everybody on both sides of the river." "Good Lord, Miss Maudie, Jem and me beat him all the time." "It's about time you found out it's because he lets you. Did you know he can play a Jew's Harp?" This modest accomplishment served to make me even more ashamed of him.

"Well..." she said. "Well, what, Miss Maudie?" "Well nothing. Nothing—it seems with all that you'd be proud of him. Can't everybody play a Jew's Harp. Now keep out of the way of the carpenters. You'd better go home, I'll be in my azaleas and can't watch you. Plank might hit you." I went to the back yard and found Jem plugging away at a tin can, which seemed stupid with all the bluejays around. I returned to the front yard and busied myself for two hours erecting a complicated breastworks at the side of the porch, consisting of a tire, an orange crate, the laundry hamper, the porch chairs, and a small U.S. flag Jem gave me from a popcorn box.

Trecho retirado do livro *To kill a mockingbird (O Sol é para Todos)* da Harper Lee, Capítulo 10.

Tradução GT

Atticus estava fraco: tinha quase cinquenta anos. Quando Jem e eu perguntamos por que ele era tão velho, ele disse que começou tarde, o que achamos que se refletiu em suas habilidades e virilidade. Ele era muito mais velho do que os pais de nossos colegas de escola, e não havia nada que Jem ou eu pudéssemos dizer sobre ele quando nossos colegas de classe disseram: "Meu pai ..."

Jem era louco por futebol. Atticus nunca estava cansado demais para brincar de manter distância, mas quando Jem queria enfrentá-lo, Atticus dizia: "Estou muito velho para isso, filho." Nosso pai não fez nada. Ele trabalhava em um escritório, não em uma drogaria. Atticus não dirigia caminhão basculante para o município, não era o xerife, não cultivava, trabalhava em garagem, nem fazia nada que pudesse despertar a admiração de qualquer um.

Além disso, ele usava óculos. Ele estava quase cego do olho esquerdo, e disse que o esquerdo os olhos eram a maldição tribal dos Finches. Sempre que queria ver algo bem, ele virava a cabeça e olhava com o olho direito. Ele não fazia as coisas que os pais de nossos colegas de escola faziam: nunca ia caçar, não jogava pôquer, nem pescava, nem

bebia, nem fumava. Ele se sentou na sala de estar e leu. Com esses atributos, no entanto, ele não permaneceria tão discreto quanto gostaríamos: naquele ano, a escola zumbiu com conversas sobre ele defender Tom Robinson, nada dos quais elogiosos. Depois da minha luta com Cecil Jacobs, quando me comprometi com uma política de covardia, correu o boato de que Scout Finch não lutaria mais, seu pai não a deixaria. Isso não era totalmente correto: eu não lutaria publicamente pelo Atticus, mas a família era um terreno privado. Eu lutaria com qualquer um de um primo de terceiro grau para cima com unhas e dentes. Francis Hancock, por exemplo, sabia disso.

Quando ele nos deu nossos rifles de ar, Atticus não nos ensinou a atirar. Tio Jack nos instruiu sobre os rudimentos disso; ele disse que Atticus não estava interessado em armas. Atticus disse a Jem um dia: “Prefiro que você atire em latas no quintal, mas sei que você vai atrás de pássaros. Atire em todos os gaios-azuis que quiser, se puder acertá-los, mas lembre-se que é pecado matar um mockingbird.” Foi a única vez que ouvi Atticus dizer que fazer algo era pecado, e perguntei à srta. Maudie a respeito. “Seu pai está certo”, disse ela. “Mockingbirds não fazem uma coisa, mas fazem música para nós desfrutarmos. Eles não comem os jardins das pessoas, não fazem ninhos de milho, eles não fazem nada a não ser cantar por nós. É por isso que é pecado matar um mockingbird.”

“Senhorita Maudie, este é um bairro antigo, não é?” “Estou aqui há mais tempo do que na cidade.” “Nome, quero dizer, as pessoas na nossa rua são todas velhas. Jem e eu somos os únicos filhos por aqui. A Sra. Dubose tem quase cem anos e a Srta. Rachel é velha, assim como você e o Atticus.” “Eu não chamo cinquenta anos de muito velho”, disse a Srta. Maudie asperamente. “Ainda não estou sendo empurrado, estou? Nem seu pai. Mas devo dizer que a Providência teve a gentileza de queimar aquele meu velho mausoléu, estou muito velho para mantê-lo - talvez você tenha razão, Jean Louise, este é um bairro residencial. Você nunca esteve muito perto de gente jovem, não é?” “Sim senhora, na escola.” “Quero dizer, jovens adultos. Você tem sorte, você sabe. Você e Jem se beneficiam da idade de seu pai. Se seu pai tivesse trinta anos, você acharia a vida bem diferente.” “Eu com certeza faria. O Atticus não pode fazer nada ...” “Você ficaria surpresa”, disse a Srta. Maudie. “Ainda há vida nele.” “O que ele pode fazer?” “Bem, ele pode fazer a vontade de alguém tão hermético que ninguém pode se intrometer.” “Atire ...” “Bem, você sabia que ele é o melhor jogador de damas da cidade? Ora, lá embaixo em Landing quando estávamos subindo, Atticus Finch poderia derrotar todo mundo em ambos os lados do rio.” “Meu Deus, Srta. Maudie, Jem e eu batíamos nele o tempo todo.” “Já era hora de você descobrir que é porque ele permite. Você sabia que ele toca uma harpa de judeu?” “Essa modesta realização serviu para me deixar ainda mais envergonhado dele.

“Bem ...” ela disse. “Bem, o quê, Srta. Maudie?” “Bem, nada. Nada - parece que você ficaria orgulhoso dele. Nem todo mundo pode tocar harpa de judeu. Agora fique longe dos carpinteiros. É melhor você ir para casa, estarei nas minhas azaléias e não posso te vigiar. Plank pode bater em você.” Fui para o quintal e encontrei Jem remexendo em uma

lata, que parecia idiota com todos os gaios-azuis ao redor. Voltei para o jardim da frente e me ocupei por duas horas erguendo um parapeito complicado na lateral da varanda, que consistia em um pneu, uma caixa de laranja, o cesto de roupa suja, as cadeiras da varanda e uma pequena bandeira dos EUA que Jem me deu de um caixa de pipoca.

Tradução humana

O Atticus era uma pessoa cansada: tinha quase cinquenta anos. Quando eu e o Jem lhe perguntamos por que estava tão velho, ele respondeu que tinha começado tarde, fato que, na nossa opinião, se refletia nas suas capacidades e na sua masculinidade. Era muito mais velho do que os pais dos nossos colegas de escola, e não havia nada que eu ou o Jem pudéssemos dizer sobre ele quando as outras crianças diziam, «O meu pai...»

O Jem era louco por futebol. O Atticus nunca estava cansado para jogar na defesa, mas quando o Jem fazia tentões de derrubá-lo, o Atticus dizia: — Já estou velho demais para isso, filho. O nosso pai não fazia nada. Trabalhava num escritório, não numa drogaria. O Atticus não conduzia o caminhão do lixo do condado, não era xerife, não cultivava, não trabalhava numa garagem, nem fazia qualquer coisinha que suscitasse a admiração de alguém.

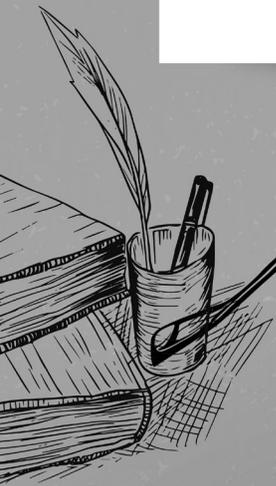
Além disso, usava óculos. Era praticamente cego do olho esquerdo, e dizia que os olhos esquerdos eram a maldição do clã dos Finch. Quando queria observar bem alguma coisa, virava a cabeça e olhava com o olho direito. Normalmente, não fazia as coisas que os pais dos nossos colegas de escola faziam: nunca ia caçar, não jogava *poker*, não pescava, não bebia, nem fumava. Só sabia ficar sentado na sala de estar lendo. Contudo, apesar destes atributos, era incapaz de manter a discrição que nós tanto gostaríamos: naquele ano, a escola fervilhava com um imenso zunzum sobre o fato de ele estar defendendo o Tom Robinson. E os comentários eram tudo menos simpáticos. Depois da minha inimizade com o Cecil Jacobs, e quando já tinha feito voto por uma política de covardia, começou a correr o boato de que a Scout Finch não ia lutar mais, pois o pai não a deixava. Ora isto não era inteiramente verdade: não ia lutar publicamente pelo Atticus, mas a família era território privado. Era capaz de lutar com unhas e dentes contra qualquer um, incluindo, claro, o meu primo em terceiro grau. Que o diga o Francis Hancock.

Quando nos ofereceu as espingardas de pressão, o Atticus não nos ensinou disparando. O tio Jack nos fez uma pequena introdução aos rudimentos daquilo; justificou que o Atticus não se interessava por armas. Um dia, o Atticus virou-se para o Jem e disse: — Preferia que ficasse dando tiros em latas no quintal, mas sei que vai andar atrás dos pássaros. Pode matar todos os gaios-azuis que encontrar, isto se conseguir acertar, mas lembre-se que é pecado matar uma cotovia. Foi a única vez que ouvi o Atticus dizer que era pecado fazer alguma coisa e questioneei a Srta. Maudie sobre o assunto. — O teu pai tem razão — disse ela. — As cotovias não fazem nada a não ser cantar belas melodias para

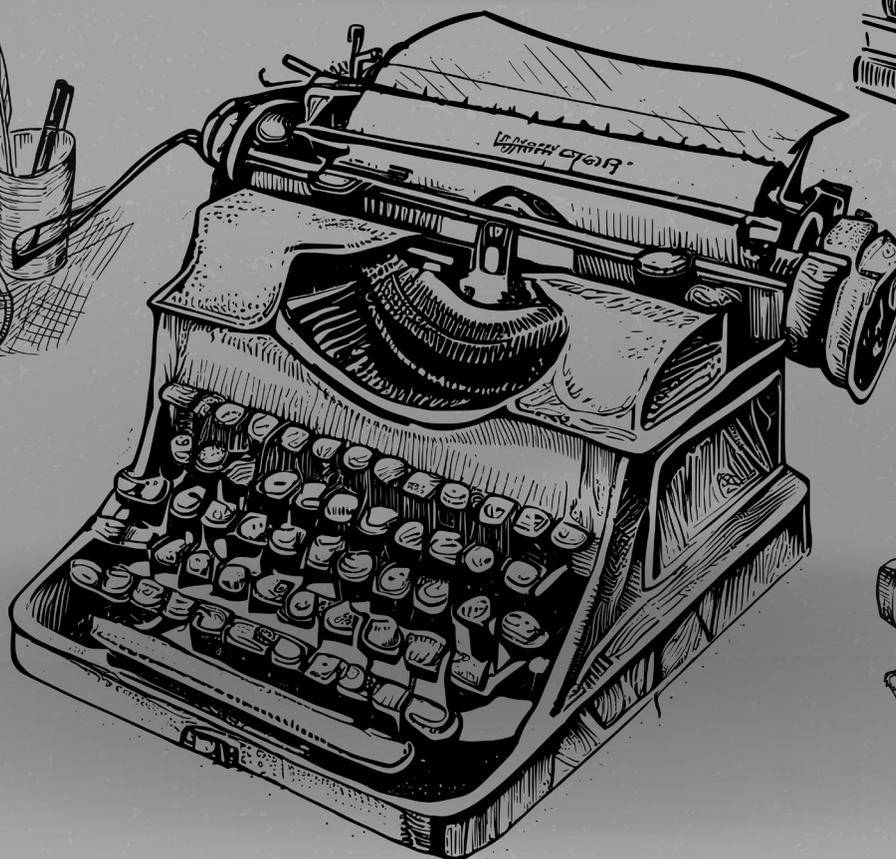
nós. Não estragam os jardins das pessoas, não fazem ninhos nos espigueiros, só sabem cantar com todo o sentimento para nós. É por isso que é pecado matar uma cotovia.

— Srta. Maudie, este é um bairro muito velho, num é? — É mais antigo ainda do que a cidade. — Não é isso, s'nhora, o que quero dizer é que as pessoas aqui da rua são todas velhas. O Jem e eu somos as únicas crianças que vivem aqui. A Sra. Dubose anda perto dos cem anos a Srta. Rachel é velha, e a senhora e o Atticus tam'em. — Não considero velha uma pessoa de cinquenta anos — disse, meio ofendida, a Srta. Maudie. — Não está me tendo como aposentada, né? Nem ao teu pai. Mas devo admitir que a Divina Providência foi gentil ao ponto de me queimar aquele velho mausoléu, estou velha demais para mantê-lo... talvez tenha razão, Jean Louise, este bairro é um bocado tradicional. 'Ocê nunca convive muito com gente nova, né? — Sim, s'nhora, lá na escola. — Quero dizer, com jovens adultos. Vocês têm é muita sorte, sabe. É que 'ocê e o Jem podem tirar proveito da idade do teu pai. Se o teu pai tivesse trinta anos vocês iriam encarar a vida de uma forma um tanto quanto diferente. — Com certeza que sim. Mas o Atticus não sabe fazer nada... — Mas é que 'ocê não faz a mínima ideia — contrapôs Srta. Maudie. — Ele ainda tem muita vida. — Mas o qu'e qu'ele sabe fazer? — Bem, ele consegue pôr tudo preto no branco num testamento, de tal forma que mais ninguém consegue contestá-lo. — E mais... — Mais? 'ocê sabia que ele é o melhor jogador de xadrez desta cidade? Sabia quequando estávamos lá na Fazenda, o Atticus Finch conseguia ganhar de qualquer pessoa, de uma ou da outra margem do rio. — Tenha dó Srta. Maudie, eu e o Jem 'tamos sempre ganhando dele. — Já era hora de perceber que é porque ele deixa. Sabia que ele até sabe tocar berimbau? Esta modesta proeza ainda me fez ter mais vergonha dele.

— Bem... — disse ela. — Bem o quê, Srta. Maudie? — Bem, nada. Nada... eu pensava que com isto tudo você iria ficar orgulhosa dele. Nem todos sabem tocar berimbau... Agora não atrapalhe os carpinteiros. É melhor ir para casa, porque vou mexer nas minhas azaleias e não posso tomar conta de ti. Pode cair uma tábua na tua cabeça. Fui para o meu quintal dos fundos e dei com o Jem disparando contra uma lata, o que parecia um bocado estúpido com tantos gaios-azuis à volta. Voltei ao pátio da frente e passei duas horas tentando erguer uma barricada complicada ao lado da varanda, que consistia num pneu, uma caixa de laranjas, o cesto da roupa suja, as cadeiras da varanda e uma pequena bandeira dos Estados Unidos que tinha saído pro Jem numa caixa de cereais e que ele tinha me dado.

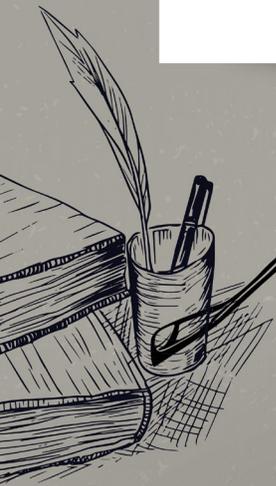
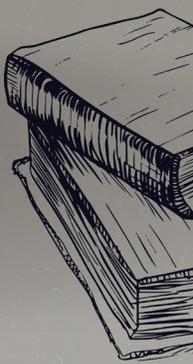


Avaliação da Eficácia da Tradução Automática do Google Tradutor: Uma Investigação Linguístico-discursiva



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2024



Avaliação da Eficácia da Tradução Automática do Google Tradutor: Uma Investigação Linguístico-discursiva



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2024